

EDIÇÃO ESPECIAL DO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

8.º Festival do Folclore

Anuário da Comissão Municipal de Folclore e do Departamento de Folclore

OLÍMPIA, 20 DE AGOSTO DE 1972 — ANO III — DIRETOR: JOSÉ SANT'ANNA



Bondoso Deus e Pai, uma vez mais Te dirigimos nossa prece, porque só nos reerguemos com o Teu santo socorro. Avançamos lentamente, cada vez com mais segurança, mais confiança, mais humildade, sempre volvidos para a frase de Cristo: «Sem mim nada podeis». E temos lutado por aquilo que amamos, guiados pelo lema de que só neste amor por Nosso Senhor Jesus Cristo é que encontramos o principio do entusiasmo duradouro, pois a bem dizer a derrota não existe para quem crê. E por isso e por muito mais, Pai Celestial, elevamos-Te nossa prece. Que o olhar resplandecente de Jesus, iluminando a nossa alma e o maravilhoso estímulo de sua voz nos conduzam pela vida a dentro.



ANUÁRIO DO FOLCLORE

(ANO III — N.º 3 — AGOSTO DE 1972)

Publicado pela Comissão Municipal de Folclore e Departamento de Folclore
Redação: Rua Bernardino de Campos, n.º 900 — OLÍMPIA — Estado de São Paulo

DIRETOR: PROF. JOSÉ SANT'ANNA

Editora — GRÁFICA «NOVO MUNDO» — Olímpia - SP

Publicado, em agosto, o Anuário do Folclore acolhe artigos dos membros da Comissão Municipal de Folclore e Departamento de Folclore de Olímpia, bem como trabalhos solicitados, apresentados pelos folcloristas brasileiros.

COLABORADORES

Alfredo João Rabaçal
Dimas Egydio do Santos
Erciley Parolim
Fernando de Freitas Luiz
Gilmar de Assis Pagoto
Guilherme Santos Neves
Hélio Damante
Iseh Bueno de Camargo
José Roberto Cardoso
Laura Della Mônica
Leila Aparecida Riscali
Lúcia Maria L. B. Fonseca
Maria A. de Araújo Manzolli
Maria Cecília C. Franco
Maria de L. P. Monteiro
Maria Eugênia Donadão
Maria Eulina de C. L. Ferraz
Maurício C. Alves Pereira
Neves Manfré Santos
Nilza Tonani
Palmira M. D. Rodrigues
Paulino Rodrigues
Regina Lacerda
Rossini Tavares de Lima
Rothschild Mathias Netto
Saul Alves Martins
Silveli Salomão Bruno
Tereza Coletto Souza
Valdecir Casagrande
Victório Sgorlon

Os conceitos emitidos em trabalhos assinados são da responsabilidade exclusiva de seus autores.

Nossa Capa: Sr. Francisco Rodrigues da Silva (seu Chicão), chefe do «Caiapó» - folgado popular de São José do Rio Pardo (SP).

Tiragem: 5000 exemplares
1972

(Ano do Sesquicentenário da Independência do Brasil)

8.º FESTIVAL DO FOLCLORE - 1972

O evento que se realiza nesta formosa Olímpia - Capital do Folclore - é dos mais expressivos e da mais alta significação, porque congrega os grupos autênticos do Folclore Nacional.

Os organizadores desse Festival que resolveram denominá-lo de «Grande Festival Verde-Amarelo do Sesquicentenário», em comemoração aos Cento e Cinquenta Anos de nossa emancipação política, dignificam Olímpia, honrando sobremodo o Brasil, neste cantinho do gigante São Paulo, onde militam há muitos anos, espargindo luzes com seu talento, com sua cultura, com sua inteligência, em favor da grandeza do Brasil e, principalmente, pela divulgação do folclore pátrio.

Saúdo, portanto, nesta oportunidade, todos quantos militam no Folclore, ao ensejo da realização do 8.º Festival, porque este elenco de brasileiros exerce, sem nenhuma dúvida, os mais relevantes serviços em favor da pátria comum, porque eles, diante do estudo da ciência folclórica fazem a melhor escola, em termos de brasilidade e em termos de Brasil.

Em agosto de 1972.

DR. WILQUEM MANOEL NEVES

prefeito municipal

FESTIVAL DO FOLCLORE - FESTA DO AMOR

José Sant'anna

Velho é o tema, mas tão velho como o folclore é o sol, e o sol é sempre novo, quando esparge sobre o céu silencioso o ouro e a púrpura de sua flama, nos deslumbramentos do amanhecer.

Velha é a terra, mas o rejuvenescimento constante de seu seio, abrindo-se fecundo, em flores e frutos, repete-lhe, em cada instante que passa, a ressurreição de sua mocidade eterna.

Como o sol e a terra, o folclore é sempre novo, porque como o sol e a terra é também eterno e imortal. Crescem-se-lhe as asas, em cada voejar sobre os seres, novas asas lhe nascem para o suster na sua trajetória infinita.

E porque é eterno e imortal, vive o folclore em todos os seres, e espalha os tesouros imensos de sua força milagrosa.

Na infância do homem, as cantigas de ninar perpassam sob a gaze dos berços na voz carinhosa da mãe que sorri, contemplando a imagem do filhinho adormecido.

Na noite silenciosa e muda sopram aos ouvidos os acordes de uma serenata, inebriando os seres, vibrando em ternas canções de amor. Canções que encheram a alma de nossos avós, umas e outras fizeram vibrar corações, que amaram e sofreram por nós, que, como nós, foram moços e envelheceram, que como nós, entraram na vida sob o fulgor de alvoradas de ouro e dela desertaram entre sombras e desenganos.

O folclore está em todo o meio ambiente. E põe a magia do seu gênio em toda parte: nas crendices, nas simpatias e nas superstições contra os ventos, as chuvas, os raios e as doenças. E invade os palácios, para fazer dançar os corações em festa, e entra na casinha pobre para minorar a dor, afugenta a tristeza e enfrenta a morte.

O folclore é como se fosse poema de amor feito em luz, do amor que cria, do amor que une, do amor que redime, do amor que purifica as almas. O folclore espalha a paz. A paz é a filha diletta do amor. E só é feliz o homem, e só são felizes os povos, nas horas de paz, nas horas em que sob seus tetos e dentro de suas almas não pairam as apreensões da maior de todas as calamidades que os afligem, que é a guerra.

Somos felizes porque em Olímpia a festa comandada pelo povo é um festival de amor, que entretece a felicidade da família, enchendo os corações, iluminando os dias incertos da vida e proporcionando a harmonia e o bem-querer entre todos os concidadãos.

Filhos desta pacífica OLÍMPIA — onde o céu tem grande brilho e a terra muitos encantos — a nós foi dada a graça de podermos fruir de uma FESTA DO AMOR: O FESTIVAL DO FOLCLORE.

Despertem olimpienses! Não fiquem arredios e indiferentes aos rumores da festa!

Saiam às ruas: venham ver o folclore passar!

1792 - Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes)

O Brasil, esta grande Pátria, não esquece o seu sacrifício
e lhe devota o tributo de indelével gratidão

DE

1822 — Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Sarafim de Bragança e Bourbon (D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal)

O chão sagrado da Pátria - agora sua morada - lhe tributa
toda a glória pela conquista do nosso patrimônio político.

Sesquicentenário da Independência do Brasil



A

1972 — General EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI,

Defensor da Lei, que é suprema asseguradora da nossa liberdade.

Nós confiamos no Brasil porque cremos nos homens que o dirigem com
esperança e amor.

Na paz interior, no silêncio dos campos, no remanso dos nossos lares
há ainda providenciais reservas morais que hão de neutralizar uma
eventual ação temerosa da desagregação.

O Conceito de Folclore

Prof. Saul Alves Martins

(Membro da Societé Internacionale d' Ethnologie et de Folklore e Secretário Geral (Estado de Minas)
da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro,

Desde os primeiros tempos da Revolução Francesa, mesmo antes, o modelo social era o enciclopedismo: o homem chamado culto deveria ser um verdadeiro sábio, conhecer toda a realidade e discutir inclusive sobre problemas eternos.

No século XIX substituiu-se o padrão, o homem observou e reconheceu sua precariedade face à complexidade das coisas e valores.

Viu que o melhor ser ia limitar o objeto de seu exame e assim poder analisá-lo minuciosamente. Essa atitude significava uma guinada de cento e oitenta graus na técnica de conhecer — era a espacialização: estudar cada vez mais mais de cada vez menos.

Essa nova orientação foi geral e a partir daí a esfera do conhecimento se fragmenta à medida que a percepção do curioso enxerga novas configurações na realidade.

Foi exatamente o que se deu com o aparecimento do folclore, isto é, da ciência que estuda os aspectos populares e tradicionais da cultura.

Saliente-se que falamos em aparecimento da ciência, porque, em verdade, as manifestações caracteristicamente folclóricas começaram desde quando passou a existir estratificação social.

O conceito é novo, mas o fato é antigo.

Segundo a orientação vigente, até meados do século passado, as experiências socialmente aceitas e tradicionalizadas, oriundas das camadas mais simples das sociedades ditas civilizadas, constituíam parte de objeto da Etnografia, que é uma das ciências antropológicas.

Diga-se, de passagem, que a Etnografia valorizou-se após o descobrimento da América e de novas e curiosas formas de vida aqui existentes e bastante diversificadas, conforme suas origens étnicas e culturais havendo grupos

ágrafos e pré-letrados, gente atrasada como a maioria dos representantes tapuias e gente adiantada como os habitantes da orla do Pacífico, entre os quais se sobressaem astecas, chibchas, maias, incas e toltecas.

Os elementos culturais do povo eram, então, misturados e examinados juntos com os de grupos primitivos, dando-se ênfase—o acabamos de indicar o motivo, a estes últimos.

Mesmo no Brasil, essa época e atitude acham-se bem marcadas nos livros de Nuno Marques Pereira, Madre Deus, General Couto Magalhães, Cônego Francisco Bernardino de Sousa, Pereira Coruja e, mais recentemente, Raja Gabália.

Em 1846 o etnólogo britânico Willian John Thoms, sob pseudônimo de Ambrose Merton, publicou uma carta no jornal londrino The Athenaeum, n.º 982, edição de 22 de agosto, propondo a palavra folclore criada mediante a aglutinação de radicais anglo-saxônicos folk (povo) e lore (saber) para dar nome à ciência que estudaria os aspectos populares e tradicionais da cultura.

Sem fugir à regra geral, houve reações, muita xenofobia por causa do nome estranho. Hoje, porém, todo mundo aceita e o 22 de agosto foi até consagrado o dia internacional do folclore.

A princípio, com esse termo se definiam as antiguidades populares, incluindo apenas refrãos, crenças, mitos — a literatura oral. Modernamente alargaram-se os limites de sua área específica e dentro dela se colocam as danças e folguedos, medicina caseira e teológica, brinquedos da lúdica infantil, quadras e romances, cantigas e desafios, frases de pára-choques, memórias, trava-línguas e parlendas, cozinha regional, trajes típicos, anedotas, lendas e superstições, adivinhas, mutirão, artes e técnicas populares e artesanato.

8.º Festival de Folclore

(DE 14 A 20 DE AGOSTO DE 1972)

Comemorativo ao Sesquicentenário da Independência do Brasil

OLÍMPIA — CAPITAL DO FOLCLORE



ROMARIA - Pedreira de São Sebastião

Uma lenda como outras - Uma romaria como muitas

Regina Lacerda

(Da Comissão Nacional de Folclore e Associação Brasileira do Folclore).

Fica ali pertinho. Mais ou menos três léguas da cidade. (a cidade de Goiás)

Gente chegando, homens, mulheres, crianças, velhos chegando. Desde a véspera, chegam a pé, a cavalo, de carroça ou caminhão. E como é véspera, armam suas barracas, estendem suas toldas, acendem ali um foguinho e se instalam para um dia e uma noite, ou vice-versa.

O lugar, a pedreira, para quem não é da redondeza, acrescenta-se: Pedreira de São Sebastião.

Qual o motivo do ajuntamento? Missa com batizados e cerimônias litúrgicas diversas. Isso é o principal. O secundário: convivência social. E o terciário? O comércio. Esse é fatal em tais acontecimentos.

A FÉ

Data: primeiro domingo de setembro. Assiste-se à missa por devoção. O santo é o padroeiro das lavouras. Cumprem-se-lhe votos e promessas. Se a safra foi boa, São Sebastião recebe ofertas retiradas da colheita. Se pelo contrário, o Santo ouve só pedidos de proteção, para ajudar no outro plantio, com promessas de doações na festa de p'r'o ano.

Leitões, frangos, bezerros são testemunhas, ali, de bênçãos recebidas especialmente para a criação. Para casos de saúde restabelecida ou outros benefícios alcançados: além da caminhada a pé até a Pedreira, são velas que se acendem, dinheiro que se oferece. Por tudo se roga a intercessão de São Sebastião, "contra peste, fome, guerra e doenças contagiosas do corpo e da alma". E o santo Mártir ouve, atende, socorre, abençoa. A prova está ali, centenas de pessoas chegaram desde ontem de caminhão, de carroça, de carro-de-boi, a cavalo e a pé, mesmo se arrastando. Vêm de todos os lados. Desde alta noite velas se extinguem, muitas após outras. O nicho está no alto, enchendo-se de cédulas: tantas de cem, punhado de duzentos, de quinhentos cruzeiros, mais minguidos têm de 1000, de cinco, até de dez eu vi lá.

Ror de gente agradecendo favores, pagando promessas—são fiéis, são de votos, todos, todas.

A PEDREIRA DE SÃO SEBASTIÃO, no alto da rocha, a erosão formou o nicho, e em conseqüência um altar natural.

BATIZADOS

Debaixo de uma árvore, numa mesa improvisada, se anotam batizados. De um galho mais forte, pende o sino.

Dezenas de crianças se tornam cristãos matriculadas, nesse dia, na Pedreira, esse ano. Cada menino batizado será um novo devoto. "Batizado na Pedreira você foi". Isto lhe será repetido sempre, e sob a proteção de S. Sebastião viverá toda a vida. Nas dificuldades, nas doenças, nas horas amargas o santo terá que se haver com mais este devoto.

Na Pedreira, entre o chão e o oratório, há uma pequena plataforma natural, aí com pouca arrumação permite uma mesinha (de pedra, naturalmente) onde o Padre celebra.

Nos galhos das árvores—crianças, por todo lado—o povo por toda a parte—gente que assiste ao officio. Entre uma oração e outra, a mulher mexe a panela, cozinhando o almoço p'ra depois. Ouvindo a prédica, as mães amamentam seus nenês. Antes e depois da missa, os fazendeiros, "gambiram"—compram e vendem animais ou contratam serviços.

A festa termina quando a última prenda é arrematada em leilão. Aí é o regresso à casa, despedidas, propostas de reencontro no ano vindouro.

AS PEDREIRAS

Mas não posso resumir assim a história da Romaria da Pedreira. Importa eu contar tudo da história, que esta é minha obrigação. Lá estive pela festa deste ano e sempre andei por lá em outros tempos. Sou gente daquelas bandas.

É assim a Pedreira: são três Pedreiras—três formações calcáreas de grandes proporções—saindo do chão numa pequena mata, lado direito de quem vai rumo ao Ouro-Fino. Perto mesmo deste arraial fundado por Bartolomeu Bueno e desfeito pelo tempo.

Numa das rochas—a mais alta—quase vinte metros do chão, a erosão foi que se encarregou de fazer um nicho: um divinamente bem feito oratório.

O povo conta, meu pai me contou todo, mundo sabe; faz muitos anos nos tempos de quando não tem mais ninguém vivo—alguém passou por ali e viu no referido nicho uma imagem de São Sebastião. Atinou que aquele não era um lugar digno de um santo morar, sem devotos para lhe prestarem homenagens. Zeloso, bem cristão, transporta a imagem para a igreja do Ouro-Fino. O povo então se acostuma com o novo membro ocupante do altar. Passado algum tempo, a imagem desaparece da igreja. Outro alguém—por certo que caçador—encontra a dita imagem na Pedreira. Conduz a estátua de volta para o seu posto na igreja que é lugar de santo. Ali permanece o santo sob os cuidados do não santo sacristão—resguardado de sol e chuva—a ouvir as orações dos fiéis.

Passados mais alguns anos, eis o santo instalado de novo na Pedreira. Ninguém ficou sabendo se a imagem é mesmo viageira. Mas aquele ponto ficou sendo chamado Pedreira de São Sebastião.

A rocha começou a ser visitada constantemente por pessoas que iam pedir ou agradecer favores.

continua na página seguinte

Conta-se que um certo cearense, um tal de Gusmão, desejava muito rever sua velha mãe, mas não podia, mas queria. Não via meios de ir ao Ceará—Goiás é longe. Propôs ao Santo da Pedreira (que lá estivesse ou na igreja) fazer-lhe um cruzeiro e plantá-lo ao pé da rocha, em frente ao nicho, caso o santo o ajudasse para ver sua mãezinha.

A Cruz resta ali plantada.

A GUERRA

Um dia, o mundo estava m guerra—a segunda grande guerra. O Brasil mandava seus contingentes para as frentes na Europa. As famílias dos que partiam ficavam a rezar. E assim também D. Benedito Remígio Moreira (São Sebastião padroeiro, livrai-nos da peste, da fome e da guerra).

Invocou suas bênçãos aos soldados brasileiros, prometendo colocar-lhe a imagem na Pedreira, que ali foi o seu lugar escolhido para altar predileto. Mandou vir do Rio de Janeiro uma estátua e fê-la transportar até aquele orató-

rio. Lauro Galvão, por sinal meu tio, morador naquelas proximidades, encarregou-se de fazer a escada de madeira que permitisse o alcance do nicho, digo, do oratório que fica bem alto.

Dessa época em diante, com a devida autorização de Sua Excelência, do Bispo D. Cândido Penso e a necessária colaboração da família Borges, teve início a romaria oficial, em data determinada, com celebração de missa e outros atos litúrgicos, conforme os reclamos do povo.

Atualmente a festa anual toma corpo. Os irmãos Talvane e Eurico Veiga Jardim Filho e Elizeu Oliveira—fazendeiros das imediações—procuram proporcionar facilidades aos romeiros da Pedreira. Repararam as estradas, a área é aceirada, capina-se em volta do lugar e a Pedreira assim como disse, continua a ser visitada por muita gente, para rezar, para pedir ou agradecer favores.

Olímpia e seu Folclore Musical

Prof. José Sant'anna

(Presidente da Comissão Municipal de Folclore e membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore)

O Folclore Musical Olimpiense é rico e maravilhoso. A grande beleza musical é encontrada nos terreiros de Umbanda, de onde existe uma influência negra melodicamente dócil. Quanto aos instrumentos de música, o uso quase que exclusivo dos de percussão, ou sua poderosa influência no conjunto musical, assinala, sem dúvida, a presença de elementos negros nesta folclore. Os terreiros de Umbanda, em número considerável, quer nos trabalhos de uma ou outra linha criaram um folclore musical próprio.

Anotei algumas das músicas do referido ritual—fáceis, curtas e bonitas—riquíssimo filão do nosso folclore musical, cuja importância é indiscutível, pois continuamente a música popular e mesmo a erudita vão buscar nestes temas sua inspiração.

Ponto de crianças. Andorinha

Ando-ri-nha que voa voa an-do-ri-nha le-va-esses an-jo pro
céu an-do-ri-nha an-do-ri-nha que voa voa an-do-ri-nha
le-va-esses an-jo pro céu an-do-ri-nha voa voa
vo. an. do. ri. nha (le. va. es. ses an. jo pro céu an. do. ri. nha.)

“Andorinha que avoa, avoa
Andorinha.
Leva esses anjo p'r'o céu
Andorinha.” } bis

Voa, voa, voa, andorinha
Leva esses anjo p'r'o céu } bis
Andorinha.

Coleta: 1968. Terreiro de Umbanda “Caboclo Jaguaré e Pai Benedito da Cruz Vermelha”.
Jardim Santa Ifigênia - Olímpia.

Ponto de Xangô

Lá em cima da-que-las pe-drei-ra Oi tem um li-vro que é de Xan-
gô Lá em gô Xan-gô - ô Ca - ô
Sal-ve o meu pai Xan-gô Xan-gô . . .

“Lá em cima daquelas pedreira
Oi tem um livro que é de Xangô } bis
Xangô, Caô,
Salve o meu Pai Xangô.” } bis

Coleta: 1968. Terreiro de Umbanda “Pai Cesário e Caboclo Caramã”.
Vila Cisoto - Olímpia.

continua na página seguinte

Ponto de Boiadeiro

Me cha-mam de boi-a- dei-ro Não sou boi-a - dei- ro
 não me cha-man de boi- a - dei-ro Não sou boi-a - dei-ro
 não Eu sô com-pra - dô de ga-do Boi - a- dei- ro é
 meu pa - trão Eu sô com-pra-dô de ga - do Boi -
 a - dei-ro - e meu pa - trão Me

“Me chamam de boiadeiro
 Não sou boiadeiro, não
 Eu sô compradô de gado
 Boiadeiro é meu patrão”.

} bis

} bis

Coleta: 1969. Tenda Espírita de Umbanda
 “Caboclo Terra Roxa e Mãe Maria
 de Angola” - Avenida Dr. Andrade
 e Silva - Olímpia

Ponto de Jurema

O vento es-tá so - pran-do nas ma-tas jo-
 gan-do as fo-lhas da Ju - re- ma no chão O
 ven-to es-tá so - pran-do As fo -lhas tão ca - in-do Ca -
 bo-clo ta-a - pan - han-do d lá no chão.

O vento está soprando nas matas
 Jogando as folhas da Jurema no chão.

O vento está soprando
 As folhas tão caindo
 Caboclo tá apanhando
 Oi lá no chão.

} bis

Coleta: 1969. Terreiro de Umbanda “Pai Cam-
 binda de Aruanda” - Vila Toledo
 Olímpia.

Ponto de Baiano

Na Ba- hí-a tem eu vô man-dá bus - cá
 Lam-pi- ão de vi-dro, Sá do-na pa-ra cla-re- á, oi.

“Na Bahia tem
 Eu vô mandá buscá,
 Lampião de vidro, Sá dona
 Para clareá, oi”.

} bis

Coleta: 1970. Terreiro de Umbanda “Caboclo
 Jaguaré e Pai Benedito da Cruz
 Vermelha”. - Jardim Santa Ifigênia
 Olímpia

Ponto de Jurema

Que lin - do ca ca- pa - ce- te de pe - na Que
 tem a ca- bo- cla Ju- re- ma Que re- ma
 É lin-do co-moa flor de Ie-man- já E - la vem sa-ra-
 vá Eh! eh! eh! eh! ah! ah!

Que lindo capacete de pena
 Que tem a cabocla Jurema.
 É lindo como a flor de Iemanjá
 Ela vem, Saravá!
 Eh, eh, eh, eh, ah!

} bis

} bis

Coleta: 1970. Tenda de Umbanda “Caboclo Ca-
 ramuru” - Vila São José - Olímpia.

Ponto de São Sebastião

Vo - vó não qué cas- ca de co- co no ter- rei- ro Vo-
 ro P'ra - não lem- brá do tem- po dos cati- vei- ro. P'ra
 ro Nos - sa Sen- ho- ra dos A- res bar- reu o chão Nos-
 Bar - reu aI - gre- ja de São Se- bas- tião. tião.

“Vovó não qué casca de coco no terreiro.
 P'ra não lembrá do tempo dos cativoiro.
 Nossa Senhora dos Ares barreu o chão,
 Barreu a Igreja de São Sebastião”.

} bis

} bis

Coleta: 1972. Terreiro de Umbanda “Caboclo
 Jaguaré e Pai Benedito da Cruz
 Vermelha” - Jardim Santa Ifigênia.
 Olímpia

Colaboraram na pentagramatização des-
 tes pontos de Umbanda os preclaros professores
 olimpienses: Maria Aparecida de Araújo Man-
 zolli, Maria de Lourdes Penalva Monteiro e Mau-
 rício César Alves Pereira, musicistas, dirigen-
 tes de Corais e folcloristas.

Atividades em função do Folclore

PASSATEMPO – Jogo dos Quadrinhos

Colaboração de Gilmar de Assis Pagoto

Exercício n. 1

1	Q							
2	C							
3	F							
4	G							
5	S							
6	Q							
7	U							
8	T							
9	R							

- 1) Dança de origem francesa, cujo nome, segundo Eugène Giraudet, é diminutivo de Squadra, vocábulo italiano que significava companhia de soldados em quadrado.
- 2) Em sentido restrito cada uma das grandes festas anuais do culto fetichista afro-brasileiro; macumba; terreiro.
- 3) Dança de origem espanhola, sapateada. (pl.)
- 4) Dança antiga de salão. (pl.)
- 5) Um dos temas musicais afro-brasileiros mais conhecidos e sugestivos.
- 6) Dança de salão muito usada antigamente.
- 7) Dança de salão, com gesto de dança folclórica de bater o umbigo um no outro. (pl.)
- 8) Passo batido, oblíquo à esquerda, com pé esquerdo, projeção do abdômen, extensão de tronco e cabeça para trás, palmas para baixo, ambos frouxos.
- 9) Conhecido em Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. Embora tenha vida independente, figura como parte final do cateretê. Vê-se ainda, como dança isolada, executada isoladamente após aquele.

RESPOSTAS:

9	-	Recortado
7	-	Umbigadas
5	-	Sambalelé
3	-	Fandangos
1	-	Quadrilha
8	-	Tiranhina
6	-	Querumana
4	-	Gracianas
2	-	Candomblé

Exercício n. 2

1	B						
2	P						
3	C						
4	C						
5	C						
6	C						
7	B						

- 1) Dança de origem angola-conguense que se desenvolve numa grande roda, tendo ao centro dançarinos solistas que executam passos improvisados.
- 2) Dança conhecida em Portugal. No Brasil, origem açoriana, é encontrada no litoral de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul.
- 3) Cantiga de crianças em roda, dança de roda do Norte do Brasil. (pl.)
- 4) Bailado popular dramático em que os negros representam, entre cantos e danças, a coroação de um rei do Congo.
- 5) Dança, também conhecida como cateretê, xiba ou chiba, função, pagode. (pl.)
- 6) Índigenas de família lingüística jê. Dominavam entre os sertões situados entre as cabeceiras do Araguaia e a Bacia Superior do Paraná; nome de uma dança caipira. (pl.)
- 7) Dança conhecida entre os gaúchos. Embora tivesse popularidade durante a campanha do Rio Grande do Sul, estendeu a sua presença até fins do século XIX. (pl.)

RESPOSTAS

7	-	Balaios
4	-	Congada
1	-	Batuque
5	-	Catiras
6	-	Catapós
3	-	Ciriris
2	-	Pezinho

O Folclore e a Revolução

Rothschild Mathias Netto

(Professor da Matemática do Colégio e Escola Normal Estadual "Capitão Narciso Bertolino". Historiador de Olímpia. Presidente da Comissão Municipal do Patrimônio Histórico, Cultural e Esportivo - Olímpia).

Com 8 511 965 km², 100 000 000 de habitantes a que atingiremos em agosto de 1972, formando uma "comunidade de origem, de língua, de tradições, de interesses, de aspirações, e animada de sentimentos comuns" - constituímos uma grande nação. É tudo "isto que nos faz brasileiros, distintos de outros povos, e, ao mesmo tempo, faz com que os brasileiros se sintam unidos no mesmo ser coletivo".

Somos, porém, mais ainda. Se a "nação é a sociedade considerada sob o ponto de visto seu povo e do seu território", mas se além disso é soberana e "conserva assim a sua unidade e personalidade moral através dos séculos-constitui uma Pátria". Foi Rui Barbosa que, como todos reconhecem, aliava o conhecimento jurídico à inigualável sabedoria humanística; o mais extraordinário poder verbal às excelsas virtudes de escritor, quem melhor a definiu: "A pátria é a família amplificada. E a família, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício. É uma harmonia instintiva de vontade, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas. Multiplicai a célula e tendes o organismo. Multiplicai a família e tereis a pátria". É ainda do baiano genial, este trecho lapidar: "A pátria não é ninguém; são todos; e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à idéia, à palavra, à associação. A pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo: é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos, o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade».

A pátria é, sem dúvida, uma realidade espiritual. Os nossos concidadãos formam a grande família de que ela é a mãe comum. Daí a fraternidade que é esse laço afetivo e sagrado que deve existir entre irmãos, entre filhos da mesma pátria; daí o patriotismo que é esse amor à terra em que nascemos e que conduz instintivamente à veneração, à estima a tudo quanto ela encerra e suscita o respeito, admiração, o culto dos seus valores materiais, espirituais e morais.

No verdadeiro patriotismo, entretanto, fundem-se e, muita vez, se confundem valores nacionais e valores humanos. O patriota autêntico não hostiza os estrangeiros, nossos irmãos adotivos, que para cá vêm, trabalham durante os melhores anos de suas existências, constituem suas famílias, formam seus lares, identificam-se com os nossos problemas e cooperam para o engrandecimento do país por que optaram. Não se pode negar que lhes cabe considerável parcela do esforço feito pelos nossos maiores para imprimir à nossa pátria a fisionomia que lhe é peculiar. Nosso patriotismo não os ofende. Por isso não há contradição quando dizemos que «o apego à terra em que habitamos, de que vivemos, em que se guardam os despojos das gerações anteriores e se erguem as obras de toda

ordem que perpetuam os seus esforços e estimulam constantemente novas iniciativas, é, em última análise, o culto das tradições comuns e dos antepassados». Como atuaram esses ancestrais, o que fizeram, produziram ou realizaram, nos vários momentos de evolução da pátria, cabe à história registrar. É ela que nos dá conta da herança deixada pelos que se foram e que, como nas corridas de revezamento, devemos transmitir, acrescida ou aumentada, àqueles que nos sucederem.

Compete, entretanto, ao folclore que deita suas raízes nos escaninhos mais profundos da alma popular, o estudo e o conhecimento das tradições de nosso povo, expressos em seus costumes, suas lendas, suas crenças, suas canções... Na cooperação vicinal das populações rurais; nos cantos melancólicos ou alegres dos caboclos, nas noites negras ou claras de luar; nos ritmos frenéticos de nossas danças; na crença fervorosa em um Deus criador de todas as coisas; no árduo trabalho do cotidiano; no alvoroço dos folguedos infantis; nas horas de intensa euforia e até nos momentos de grandes dores, os nossos antepassados formaram hábitos, criaram usos, geraram costumes, legados às gerações porvindouras e que permanecem, como brasas dormentes, à espera do sopro da brisa para que despertem e crepitem em fagulhas saltitantes.

É o folclore que melhor assinala as transformações produzidas por atos humanos, todos eles inspirados por motivos, paixões, ambições, crenças, conhecimentos ou condutas, e, sobretudo, pela recordação do passado que cria a tradição. Contudo, longe de ser primacialmente estático, o folclore é essencialmente dinâmico. Os dias, os meses, os anos, as décadas, os séculos se sucedem e novos costumes, novas lendas, novas canções surgem no seio do povo para enriquecê-lo. Não é contra as mudanças, antes se opulenta com as inovações.

Em dois aspectos tem sido pouco explorado: é o folclore que reflete muita das virtudes básicas do povo e constitui um dos fatores da unidade nacional. Pouco importa que esteja sujeito às diferenciações regionais tal como sucede à própria língua. Há costumes, há lendas, há tradições comuns a toda a nossa gente e um rico e anônimo cancionário popular percorre o nosso imenso país cujas dimensões continentais devemos ao arrojo, à audácia, à coragem dos nossos bandeirantes.

Aqueles que desprezam as tradições nacionais são os mesmos que pregam o cosmopolitismo, isto é - que a pátria é o mundo. Ora, por mais grandioso e belo que se nos afigure o amor dos homens em geral - a pátria é a terra em que nascemos, o nosso lar nacional e para nós a pátria é o Brasil. A ele estamos ligados por laços que nos distinguem de outros povos da grande família humana. Há ainda os que se esforçam por considerá-la "uma instituição artificial criada e mantida pelos governos no intuito

continua na página seguinte

de se tornarem necessários». Para uns e outros, a pátria é uma abstração pura e simples, uma ficção, uma palavra vã condenada ao desaparecimento à medida que se eleva o nível da civilização. Para esses o patriotismo não passa de sentimento tolo e pueril. No entanto, o progresso da humanidade já criara condições para enviar homens à Lua, quando o jovem Jan Palach, incendiou-se, transformando-se numa tocha humana, numa rua de Praga, para protestar contra a invasão estrangeira de sua pátria e total escravização de seu povo. E ainda recentemente dois operários de um dos países bálticos, anexado a uma potência estrangeira, durante a II Guerra Mundial, repetiram pelas mesmas razões, o gesto trágico do moço esloveno.

Coincidentemente, os inimigos da pátria são também contrários à liberdade, ou antes, dela se valem para preparar a estrada da servidão. Países de velha tradição liberal, nos quais por corolário, a liberdade é ampla e sem peias, não podem evitar os roubos, os seqüestros, os atentados, os assassinios, que homens sem consciência praticam, em nome de um ideal, sempre em desacordo com a esmagadora maioria do povo. Não devem ser boas as idéias que levam seres humanos a cometer tais crimes, nos quais manifestam de maneira mais evidente toda a baixeza abismal. Pode-se imaginar como são os países dominados e dirigidos por indivíduos de tamanha ganância e ferocidade.

Foi contra esses que em todas as partes do globo, formam uma minoria tão inexpressiva, tão audaciosa, contra esses inimigos ocultos ou ostensivos da pátria, que o Exército Nacional fez a revolução verdadeiramente salvadora de 1964, atendendo ao apelo do povo brasileiro, que em todos os recantos do país, saiu à ruas para demonstrar o repúdio à orientação de um governante insincero, insensato e infeliz, que pensara em usar os apátridas para satisfação de suas secretas ambições. Derrotados os inimigos de todos os matizes, afastados os maus brasileiros que concorriam para a desordem social e econômica, o país vem conhecendo uma era de tranquilidade e progresso até então inusitada. «O caminho percorrido - escrevemos há algum tempo - foi árduo, mas já começamos a colher os primeiros frutos. Não mais estamos à beira do caos. Com a inflação reduzida, a confiança nacional restaurada e o prestígio, lá fora, aumentado, o país se desenvolve de maneira surpreendente. Está surgindo o país de nossos sonhos. Lavejado por alguns, admirado por muitos, respeitado por todos, o Brasil, segue a rota do seu glorioso destino. Deixou de ser o país do futuro, porque o futuro já chegou».

Isso não é pôr óculos cor-de-rosa para olhar a paisagem social que nos rodeia. A boa orientação econômica do governo ainda não conseguiu melhorar as condições de vida de considerável parcela da população brasileira. É óbvio que, emergido de uma situação difícil e caótica, o Brasil enfrenta problemas sociais de suma gravidade. Mas já ninguém duvida de que os superiores dirigentes desta poderosa nação têm, agora, condições para equacioná-los e resolvê-los.

Ninguém poderá ocultar que o avanço material do país, com a Revolução de 64, lhe concedeu inegável situação de preeminência continental e não há negar que o Brasil de hoje é como uma ilha de tranquilidade no meio de um oceano de nações conturbadas.

Dispondo de paz para trabalhar, de ordem para progredir, de liberdade não licenciada para se realizar, o brasileiro viu renascidas as suas esperanças. Após a Revolução, o povo vem procurando as praças públicas, nos dias santos da nossa história; aprendeu a cantar, nas ruas e nos estádios, em cerimônias solenes, o hino nacional; passou a ostentar em seus veículos, o mais sugestivo símbolo da pátria. E mais: o movimento vitorioso de 64, criou condições para que a nossa gente, em toda parte, pudesse se voltar para as suas tradições, os seus costumes, as suas crenças, as suas canções...

Levando em conta a realidade social de que esses elementos são parte, animados pelo clima favorável, novos folcloristas surgiram, procurando divulgar, com o maior entusiasmo, através de livros, revistas e jornais aqueles "modos de sentir, pensar e agir próprios às camadas populares, nas sociedades civilizadas".

Isto explica porque os festivais folclóricos de Olímpia tiveram início, em 1965. Desde, então, a nossa grande festa de agosto, orientada pelo interesse e alimentada pelo dinamismo do Prof. José Sant'anna, se incorporou às tradições da cidade. Estamos certos de que, sem a Revolução de 64, a "cidade Menina - Moça" não seria igualmente a "Capital do Folclore".

8.º Festival do Folclore de Olímpia



INTEGRANTE DAS
COMEMORAÇÕES DO
SESQUICENTENÁRIO DA
INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Lingüística e Folclore

Trabalho organizado por Maurício César Alves Pereira, professor de Português no Colégio e Escola Normal Estadual «Capitão Narciso Bertolino». Licenciado em Letras Neolatinas.

Membro da Comissão Municipal de Folclore — Olímpia

A evolução da língua é o mais importante de todos os fenômenos lingüísticos e, certamente o mais evidente e constatável.

Graças à evolução lingüística os estudiosos encontraram farto material para a história das línguas, sua origem, suas transformações, enfim sua vida como instrumento do homem através de sua história.

Graças também ao exame apurado e profundo da evolução lingüística podemos comparar as línguas entre si nas diferentes fases de sua evolução. Desta comparação surgem elementos importantíssimos para se penetrar na estrutura íntima não só de cada língua, mas da própria linguagem humana.

Como conseqüência também dessa evolução conseguimos, ainda que parcialmente, penetrar nesse fundo humano psíquico que é a faculdade de se expressar através da palavra.

Antes de um estudo sério, quando ainda a Lingüística não era considerada como ciência, todas as teorias lingüísticas eram teorias a priori: umas filosóficas, outras psicológicas. Faltava-lhes material lingüístico fornecido mais tarde pela evolução da língua.

Hoje, todo estudo sobre língua deve pressupor um sistematizado conhecimento da evolução lingüística se não quiser igualar-se às teorias sem fundamento.

A evolução lingüística é um fato de cada dia e de todas as línguas. Isto quer dizer que não há absolutamente língua em repouso mas que todas estão em movimento interior, com exceção, é claro, para as línguas mortas.

Tal fato tem como princípio que «toda língua falada é um organismo vivo e todo organismo vivo está em movimento constante, em transformação diuturna, rápida ou lenta, clara ou confusa, progressiva ou regressiva, mas continuamente em evolução».

Mais ainda que organismo vivo, uma língua é algo em criação constante. O organismo vivo tem uma curva ascendente e descendente, marcada por sua natureza. Na língua falada, entretanto, essa curva vital não tem limites fixos e seu período de vida é sempre imprevisível.

Por isso o grande lingüista francês Ferdinand de Saussure dizia que tanto a língua - «fato» como a fala «ato» não são um estado, mas um «fazer-se», ou seja, a Língua é um conjunto de possibilidades de expressão e como tal em movimento constante.

Semelhante conceito nos faz compreender a história da língua, no seu aspecto geral. Naturalmente, a evolução lingüística tem ritmos variados nas diversas línguas e em suas variadas épocas.

Tal diferença de ritmo em diferentes períodos, pode parcialmente se explicar: se pensarmos no seu ritmo vital temos que as línguas, organismos vivos, têm uma fase de formação, em que rapidamente cresce e profundamente se se transforma; outro período, em que tais transformações são mais insignificantes e superficiais uma vez que a língua atingiu base para sua vida, como instrumento de uma comunidade. Por isso, em sua maturidade a evolução é lenta e insensível.

A evolução lingüística é um fato tão evidente que já nos primórdios de sua criação foi percebida e intentou-se explicá-la rudimentarmente.

Os primeiros foram os hindus tentando explicar suas verdades religiosas.

Em seguida, na Grécia clássica, precioso berço da cultura e civilização, acentuou-se tal percepção, principalmente, entre os gramáticos alexandrinos.

Porém, ainda antes dos alexandrinos. Platão em sua obra «Crátilo» esforça-se em explicar a evolução fonética, mediante a eufonia. Cícero alude a esta explicação falando do «aurium causa».

Na Idade Média, a evolução lingüística foi pelo menos tentada sua explicação embora de modo embrionário e simples, complicando tudo com conceitos místicos. Lendo-se a Etimologia medieval pode-se notar a explicação; «misteriosa» das palavras. Entretanto, convém ressaltar o esforço de alguns etimologistas em explicar a mudança de sons nas palavras em que eles percebiam o fenômeno.

No Renascimento o conceito de evolução lingüística avança mais um pouco graças ao seguinte fato:

Os renascentistas foram os primeiros a se preocuparem com o estudo das línguas modernas e tratá-las como línguas clássicas.

Foram os humanistas os primeiros a considerarem as línguas modernas como línguas passíveis de serem estruturadas com a mesma perfeição das línguas clássicas.

Por isso, nas gramáticas vernáculas da época procuram os gramáticos humanistas adaptar as línguas maternas às formas e estruturas das línguas clássicas.

Percebem, dessa maneira, uma fase da evolução do clássico. Desta comparação, foi-se iluminando a evolução fonética, principalmente nas línguas neolatinas.

É claro que tais humanistas não chegaram à interpretação verdadeira dessa evolução

continua na página seguinte

lingüística. Daí a latinização que os latinistas realizam em suas línguas vernáculas; não somente nas gramáticas, mas também na estrutura de certas palavras, por comparação com o latim.

Propriamente, inicia-se o estudo sério da evolução lingüística no Romantismo.

Antes do Romantismo, o conhecimento da evolução lingüística tinha dois defeitos fundamentais: não se sabia relacionar a série evolutiva em consequência não se sabia interpretar o fato da evolução. Acreditava-se também que o fato lingüístico era casual, sem relação de causa-efeito e, portanto, sem ser podido meter em normas para o estudo científico, já que só os fatos com causa podem fornecer matéria para um conhecimento científico.

Historicamente, o romantismo vigora no Brasil pelo espaço de 45 anos (1836-1881). É o período em que se cristalizam e corporificam as tendências gerais de uma nova época cultural.

Se a comunidade, a nação, a pátria, aquilo que jaz em suas fronteiras, seus cosmopolitismos lendários torna-se para os românticos a repercussão social de seu ser individual, podemos considerar o seu "nacionalismo" como uma exaltação do eu em termos de coletividade.

Uma das formas de acentuar o nacionalismo era procurando as origens da raça e da pátria:

O romântico tentará evidenciar essas origens voltando-se ao passado ou através da história ou da lenda ou ainda ressuscitando as manifestações culturais menos estilizadas como objetos folclóricos, danças, tradições, lendas.

E é exatamente essa volta ao passado que permitiu o aprofundamento dos estudos filológicos e esse aprofundamento propiciou o aparecimento de uma nova ciência — a Lingüística.

De importância considerável para a Lingüística é o princípio fundamental estabelecido pelos românticos, princípio esse que pode ser considerando **princípio da Lingüística moderna**:

"O fato lingüístico é um fato natural com uma relidade definida, capaz de ser estruturando cientificamente, por ter dentro de si, causas e efeitos próprios de qualquer fato natural".

A história da ciência da linguagem nos mostra que, até atingir o estado adulto e pleno de hoje, passou por fases em que os estudos lingüísticos se confundiam com estudos gramaticais ou filológicos. Era fácil tomar-se um pelo outro, mas há diferença entre estudos lingüísticos e filológicos.

A filologia estuda a língua como meio de expressão literária e em seu caráter nacional, enquanto que a lingüística estuda a língua como atividade do pensamento humano em geral.

Ambas se preocupam com as línguas mas sob pontos de vista diferentes. A filologia, estudo de todos os fenômenos culturais de um povo (linguagem, literatura, etc.), por meio de seus documentos escritos, interessa-se pela língua para melhor fixar e compreender os textos. A lingüística, ciência da linguagem humana, interessa-se pela língua em si mesma, em todas as suas manifestações - escrita ou oral.

Na filologia a língua é apenas o instrumento, o meio de que se serve os estudiosos

para compreender e interpretar os documentos onde se encerram os dados de uma civilização. Na lingüística, a língua é a finalidade mesma dos estudiosos e não quer eles saberem outra coisa além do idioma, pouco se incomodando com documentos, com a soma de dados culturais que tais escritos lhes possam trazer.

A ciência da linguagem - denominação da Lingüística, trata de todos os fenômenos da fala; com a produção de sons, analisando-os e decompondo-os; com a união nas palavras; com a formação das orações pela combinação dessas mesmas palavras.

A lingüística estuda, de maneira especial, a nossa fonética e a morfologia. Não estuda, porém, simplesmente o som isolado mas acompanha-o na formação das palavras e nestas procura descobrir as leis, as tendências pelas quais se regem as alterações dos sons.

Dentro destes dois aspectos, o fonético e o morfológico, a lingüística recorre a todos os meios de esclarecimentos.

A tradição oral, a experimentação ao vivo em indivíduos, os documentos escritos onde haja qualquer indicação preciosa e os próprios estudos filológicos servem no que diz respeito ao estado de evolução da língua.

Como o seu objetivo é o conhecimento da língua em si mesma, desde os seus tempos mais antigos e imperfeitos, a lingüística não se incomoda com o estado de civilização dos povos nem com a existência de documentos literários.

Vai muito além, portanto, que o filólogo, interessando-se pelos "falares" como representantes de certas fases da língua e que nenhum interesse representam ao estudioso de filologia.

Os fenômenos lingüísticos podem ser estudados por ele sob dois pontos de vista: um estático ou de equilíbrio, outro dinâmico ou de movimento através do tempo. No primeiro caso, dizemos que há lingüística descritiva e, no segundo, histórica.

Assim, a lingüística precede em sentido contrário ao da Filologia: enquanto esta acompanha a Língua desde os seus primeiros documentos literários até os mais perfeitos, aquela retrocede desses últimos, indo mais além ainda, confrontando tradições, dialetos, línguas afins, inscrições, no afã de atingir a fonte primitiva de expressão.

Por isso o lingüista não aprecia a língua culta por ser artificial, mais ou menos fixa, representando já o ponto culminante de uma lenta evolução. Busca justamente o contrário: as fases primitivas e, valendo-se sobretudo da morfologia, da fonética, procura estabelecer os princípios gerais que presidiram à transformação da língua. A sintaxe, portanto, não lhe interessa muito. No seu trabalho, serve-se do método histórico comparativo ao passo que o filólogo emprega o método crítico-literário.

Assim o lingüista consegue, fazendo um levantamento do vocabulário com as respectivas dificuldades semânticas, as particularidades morfo-sintáticas e os recursos expressivos, determinar o tipo e ou o nível de língua. Confrontando-a tanto ao nível de língua falada como escrita chega ao tipo, como por exemplo às línguas especiais que são um ramo de língua

empregado por um grupo de indivíduos postos em circunstâncias também especiais.

Essas línguas nascem da existência de diversos níveis no seio de uma mesma comunidade e também das diversas necessidades sociais. Cada comunidade, cada grupo social possui sua língua. O grupo todo, também, em certas ocasiões, usa uma língua especial. Quando falamos e agimos no nosso ambiente, empregamos a língua corrente, diferente por exemplo da língua que usamos nas preces, esta com termos mais reverentes, tratamento de 2.ª pessoa, fórmulas estereotipadas.

Este tipo de língua não é um jogo nem um divertimento artificial, mas um processo lingüístico normal, cuja explicação está no desenvolvimento natural da língua. É perfeitamente cabível pois, que cada grupo tenha uma língua com traços característicos.

A exemplo das línguas litúrgicas, das línguas nascidas por razões místicas, das línguas técnicas nos diferentes níveis (falado ou escrito) aparece e vai-se impondo aos poucos um outro ramo da língua popular representado pelas alcunhas e as gírias. Empregadas no interior de cada grupo e seu uso significa «comunicação». Caracterizando-se pela extrema variedade (principalmente semântica) vão-se repetindo ritualmente. Renovando-se pelos mesmos processos da língua comum vão também se multiplicando os neologismos. Essa espécie de língua das classes populares, carregada de expressividades vai invadindo a língua corrente aumentando-lhe o colorido.

E o vocabulário? Este é o mais característico por ser o elemento mais vulnerável e mais móvel da língua, bem como os processos que atingem o próprio léxico.

O uso de comparações, metáforas, metonímia, personificações que já vêm da língua corrente têm em tais expressões uma frequência particular que as renova. Afinal tais fenômenos são os meios de expressão de que se servem os indivíduos no seu contínuo intercâmbio intelectual e sentimental os quais não prejudicam a unidade geral idiomática, antes são particularidades que auxiliam o mútuo entendimento.

Em resumo, é a própria psicologia humana descobrindo analogias entre determinados estado da alma, determinadas formas de objetos e seres, através de uma linguagem afetiva e quase sempre metafórica.

Tomando por base essa linguagem do povo cuja força imaginativa descobre semelhanças entre o físico do homem e o dos animais entre certos defeitos ou qualidades destes e os defeitos ou qualidades daqueles, há sempre uma série de denominações que varia conforme o estado moral do ser e/ou da sociedade.

Por exemplo, desse assunto de animais há entre nós uma metáfora interessante. Todos já ouvimos falar do chupim. Desse fato da ornitologia brasileira, o povo tirou essa denominação «o chupim» que aplica tão bem, cheia de profunda ironia àqueles que vivem à custa de outro, uma espécie de parasita.

Assim o sentido de uma palavra ou expressão vai sendo empregado em plano figurado com o intuito de exagerar o significado a fim de melhor fazer compreender a idéia.

O lingüista não ignora este fato, antes o confronta a fim de colher o material para sua análise lingüística. Apanha o homem em suas manifestações mais espontâneas. Com características próprias, como a simplicidade de expressão e de conteúdo, a flexibilidade das regras gramaticais, o aspecto regional, o anonimato, a divulgação vaga e difusa e a oralidade, é o Folclore que se vai manifestando através de provérbios, ditos, gírias, alcunhas e tudo dos linguajares regionalistas...

Acrescentaríamos então que o povo representa as forças livres e espontâneas da humanidade, e as frases percorridas pela língua em suas constantes modificações são um reflexo exato da tradição oral de expressões, idéias e imagens as quais se transmitem às gerações seguintes graças à força ora conservadora, ora modificadora neologicamente.

Esboço de um dicionário metalingüístico contendo uma larga cópia de termos e frases empregadas na linguagem especial popular da região de Olimpia com as respectivas significações colhida na tradição oral.

ALCUNHAS

Sinaleiro:	indivíduo que pisca muito
paina:	indivíduo de cabeça muito branca
Alicate:	por causa do nariz
Xiboca:	indivíduo que gosta da pinguinha
Cacete:	sempre metido em briga
Pantera:	por ser muito magro
Borboleta:	Por ter orelhas grandes
Matraca:	por falar da vida lheia
Curiango:	indivíduo que gosta de andar à noite

Cri-Cri:	por ser muito "chato"
Alemão:	por ser loiro e alto
Garrinha:	por ter pernas tortas
Estaim:	indivíduo muito magro
Ganso:	indivíduo de pescoço grande
Zé Manteiga:	por ter o corpo mole
Mundoca:	indivíduo muito sossegado
Givago:	por causa do bigode

GÍRIAS

Arame:	dinheiro
Basquete:	vida dura, difícil
Bicho:	chapa, amigo
Cair pelas tabelas	estar cansado

continua na página seguinte

Carango:	automóvel
Coisinha fofa:	algo muito bonito
Comer grama:	padecer, disiludir-se amorosamente
Cuca fundida:	mente atordoada, confusa
Da pesada:	páreo duro, moderno
Desligado:	ausente
Dona Justa:	a justiça
Estar de fogo:	estar bêbado
Ficar uma vara:	ficar nervoso, intranquilo
Fundir a cuca:	estar preocupado
Gafifa:	baile ralé
Ficar arara:	ficar nervoso
Goiaba:	pessoa pouco inteligente
Ir na onda:	seguir a moda
Jóia:	tudo que é bonito
"Largá brasa":	ir em frente
Lelé da cuca:	adoidado
"Manerar":	acalmar, amenizar
Máquina:	Mulher muito bonita
Mocorongo:	indivíduo pouco inteligente
"Molera":	cabeça
Moringa:	cabeça
Na nota:	pagamento à vista
Pacas:	muito, bastante
Papo furado:	conversa que desagrada, sem sentido

Papo violento:	conversa agradável
"Paquerá":	flertar, namorar
Paulada:	chateação
"Pegá no pêlo":	desafiar para uma briga
"Pegá no pé":	perseguir
Pegar no pulo:	pegar em flagrante
Pifado:	estar exausto, esgotado
pô!:	admiração (interjeição)
Pútis grila!:	admiração (locução interjeitiva)
Qual é o seu?:	Qual é o seu ponto de vista?
Qual é o parangolé?:	Qual negócio é esse? Está me ofendendo?
Serrote:	pessoa que pede coisas, principalmente cigarros
Serra:	pedinte de cigarros, dinheiro, etc.
Televizinho:	pessoa que vê televisão na casa do vizinho
Tira:	soldado
"To boiando":	não estar entendendo
To durango:	estar sem dinheiro
"To na minha":	estar defendendo o seu ponto de vista
Vai nessa:	siga a moda

MITO, FOLCLORE E FILOSOFIA

Palmira Marcelina Desgasperi Rodrigues

Licenciada em Filosofia pela Universidade do Paraná. Concursada em Educação (1970) para o magistério médio oficial do Estado de São Paulo. Aprovada em Concurso de Ingresso para Diretores do Ensino Médio do Estado de São Paulo (1971). Professora de Filosofia da História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva (SP). Exerce o magistério no Colégio e Escola Normal Estadual "Capitão Narciso Bertolino", de Olímpia (SP). É membro efetivo do Departamento de Folclore de Olímpia.

Todo homem é naturalmente filósofo, pois a necessidade de saber lhe é inerente. O que o homem deseja saber? Tudo, pois sua aspiração ao conhecimento é ilimitada. Entretanto, o problema que mais nos oprime é o da nossa existência. Não há um único indivíduo, dotado da capacidade de pensar, que nunca se tenha colocado questões como estas: Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? Mas a nossa existência está envolvida na totalidade do Cosmos. Daí a necessidade de conhecer todas as coisas em seus princípios, de fazer Metafísica ou filosofia primeira.

A compreensão da totalidade das coisas resulta de uma atividade complexa do raciocínio, de que não eram capazes os homens primitivos. Utilizando-se dos sentidos puderam conhecer o mundo na sua materialidade; centrando nele o pensamento transformaram-no em objeto de conhecimento. Sob a multiplicidade de fenômenos físicos, a mente humana intuiu, desde há muito tempo, a unicidade de princípios reguladores da matéria, leis unificadoras da diversidade fenomenológica.

Observe-se que leis ou princípios não são sensíveis, portanto escapam ao conhecimento direto. São invisíveis e como tais despertam na mente primitiva o medo, a perplexidade. Os fenômenos naturais existem, estão diante dos olhos. Quem os manipula? «O mundo se povoa de forças ocultas intocáveis; a potência do invisível se agiganta. Assim nasce nos primitivos o mito que, mesmo na sua forma fantástica, é a primeira fase da ciência e da filosofia» (M. F. Sciacca).

Primitivos são ainda os indígenas brasileiros em seu estado natural. Respondendo ao apelo pujante da razão também eles refletiram

sobre a multiplicidade do Cosmos, amedrontaram-se diante do inexplicável e povoaram florestas, rios e montanhas com entidades fantásticas. Assim nasceram a iara, o curupira, o saci, a cobra-verde e tantos outros.

Mas um dia, o índio viu seu território, invadido primeiramente por brancos, depois pelos negros, escravos. Estes outros seres humanos desembarcavam falando um outro idioma, trazendo utensílios, plantas e animais diferentes. Como pensavam eles? Em que acreditavam? O branco, de estágio cultural superior, já havia superado o primitivismo por uma forma de pensamento mais racional, que chamamos filosofia. A evolução da humanidade, levou-a do miticismo à filosofia, isto é, à reflexão sistemática e racional sobre o homem e o universo. O branco, ao lado da razão, trazia a fé no Catolicismo, religião que completava suas convicções metafísicas.

O negro, por sua vez, culturalmente mais atrasado que o português, pisou terras brasileiras imbuído da saudade da terra mãe e da fidelidade às suas crenças e religiões.

Três culturas se defrontaram no mesmo solo, sob o mesmo céu. O contato dos homens conduziu à verificação do processo que os sociólogos chamam "aculturação". Idiomas, religiões, usos, costumes, tradições, crenças, técnicas, tudo isto se fundiu generosamente em terras brasileiras. A esta miscelânea feita de retalhos de culturas diversas, que se vem perpetuando de geração em geração, aceita pela maior parte do povo brasileiro, chamamos folclore.

É rico, é bonito o folclore brasileiro. Pelo que tem de ingênuo, pelos reflexos de índio, branco e negro que apresenta, pelo carinho com que é cultivado por tanta gente, deve ser preservado. Parabéns Olímpia, cidade nova a cultivar relíquias do nosso passado.

Folclore e Filatelia

Coleções Temáticas

Prof. Rothschild Mathias Netto.

(Membro da Comissão Municipal de Filatelia e do Departamento de Folclore — OLÍMPIA)

MACAÉ — Costume muito brasileiro é o de crismar as nossas cidades, com denominações líricas ou poéticas:— Macaé, a terra em que nasci, é a «Princesa do Atlântico».

Banhado pelo oceano imenso, por um rio sinuoso e largo, não muito distante da rasa lagoa de Imboassica; semicircundada por belas praias como a dos Cavaleiros, a Campista, a de Imbetiba, a do Forte e a da Barra; guardada e protegida por três sentinelas vigilantes, que são as ilhas dos Papagaios, de Santana e do Francês; de clima ameno e agradável — a cidade — orgulha-se de seu valor e de seus encantos.

Criei-me, cercado dessa natureza exuberante, e, hoje, no silêncio das noites, parece que ainda ouço os bramidos roucos das ondas que fustigam as areias brancas, das lindas praias, da minha terra natal.

Estas recordações assaltaram-me, naturalmente, por que o assunto de que vou tratar, me leva de retorno a um passado distante, quando ainda ginasião, comecei a colecionar selos.

ONTEM -- Foi talvez a partir de 1929, talvez de 1930. Um grupinho de amigos, formava-se todas as tardes na «Cigarraria» do Pinheiro, à Avenida Rui Barbosa (Rua Direita), para ler os jornais do dia, chegados do Rio de Janeiro, conversar e discutir. Éramos todos adolescentes, cheios de sentimentos generosos e de entusiasmos pelas coisas da vida. Nos nossos encontros diários, tratávamos de tudo: da beleza das garotas da época às crônicas de Humberto de Campos; das obras lidas, pela turma, durante a semana, ao último samba que, na casa musical, quase em frente, o Siqueira punha a tocar, em suas vitrolas manuais; dos lances da vitória do Flamengo sobre o Fluminense ao último filme de Ramon Novarro; da situação política da República, governada pelo «Paulista de Macaé», às estrepolias do Amâncio Moba e da «Jocotó», tipos populares da terra...

Os frequentadores da casa costumavam a ver, ali, Cid dos Santos Antão, Ferry Jacoud de Azeredo, Antoninho Mattos, Landor Pereira, Omar Bueno e eu. Vez por outra incorporava-se à turma o Alcindo Diniz. Este, porém, algum tempo depois tornava-se personagem de um drama real: fizera um pacto de morte com a namorada, em virtude da oposição das famílias ao romance dos dois, quase meninos. Os corpos dos suicidas foram encontrados, de madrugada, manchando de vermelho, as alvas areias da praia dos Cavaleiros... Com o gesto de desespero, Alcindo encheu-nos da maior comoção, mas também da mais profunda tristeza. Teria William Shakespeare, ao compor «Romeu e Julieta», copiado a própria vida, no século recuado em que viveu ou foi o jovem do século XX que plagiou a arte, ao escrever, com próprio sangue a sua tragédia?

Nunca nos ocorreu que daquela turma alegre, ruidosa e sonhadora, alguém fosse capaz

de envolver-se, num acontecimento, como aquele, de tão larga repercussão. Tamdém não éramos só «de conversa». Estávamos sempre prontos a pôr em prática os projetos que povoavam as nossas mentes juvenis. Foi o nosso grupo, por exemplo, que introduziu o basquetebol na vida esportiva da cidade. Antoninho Matos foi quem construiu a primeira quadra, no quintal de sua residência, na esquina da Rua do Teatro com a rua Conde de Araruama, coadjuvado por Cid, Ferry e Landor e estimulado por todos os amigos. Dali saíram também os primeiros colecionadores de selos. O nosso orientador, em filatelia, era o Omar, filho do Capitão Bueno, então, comandante do Forte Marechal Hermes.

Um dia, consegui, não sei como, um selo do Brasil, raro, do tempo do Império. O Omar logo se mostrou interessado em fazer uma permuta. Daria 25 selos da Polônia pela «raridade».

Eu tinha grande simpatia pelo infeliz povo polonês, cuja história estudara um pouco, conhecia a ligação amorosa de Chopin com a romancista francesa George Sand e lera o Quo Vadis, de Henrique Sienkiewicz. Num adolescente com veleidades literárias, isto teria influído para que mostrasse algum interesse na troca. Mas logo o Omar me ofereceu 50 selos. Então ao notar que poderia tirar melhor partido, fingi não aceitar a oferta. Imediatamente, o meu amigo me ofereceu 100 selos daquele país. Fizemos a troca. Mas, no dia seguinte, qual não foi o meu espanto, quando o Omar me trouxe a estampa de volta, dizendo-me com toda sinceridade, que me ludibriara: o meu selo valia muito mais.

Narro este fato para mostrar que não é o número de selos que importa numa coleção e vejam o interesse que havia antigamente pelos selos universais.

HOJE — Atualmente, ninguém mais coleciona selos de todos os países; ninguém faz coleções universais, como há quarenta ou cinquenta anos. Os novos colecionadores dedicam-se aos «temas»: esportes, fauna, flora, astronáutica, música, etc.

J. L. de Barros Pimentel que em «O Professor» escreveu sobre o assunto, dividiu a filatelia temática, em três categorias: coleções temáticas, coleções de finalidade de emissão e coleções de assunto.

«A coleção temática é um conjunto filatélico estabelecido segundo um plano determinado. Desenvolve um tema, apresenta uma tese, ilustra uma idéia conduzida pelos selos e outras peças filatélicas. É acompanhada de textos explicativos, que devem ser curtos e incisivos.»

«A coleção por finalidade de emissão é um conjunto filatélico tendo por base a classificação da finalidade da emissão dos selos e das peças filatélicas que a compõem. Consiste numa simples justaposição de selos e das peças filaté-

licas tendo qualquer relação entre si pela finalidade da emissão. É portanto classificada por países e por ordem cronológica das emissões. Para a coleção de finalidade de emissão não são necessárias legendas, a não ser a dos títulos.

«A coleção por assunto é idêntica à anterior e semelha-se às coleções de selos de velhos tempos.»

FILATELIA E FOLCLORE

— Cada ano que passa milhares de novos selos são emitidos, em todo o mundo, o que torna quase impossível, hoje, a existência de coleções de selos universais, à maneira antiga. O novo colecionador que quiser organizar uma coleção deste tipo deve optar pela coleção temática, pois o tema exige selos de todos os países.

Em Olímpia é de esperar que a filatelia temática surja e se desenvolva e nenhum tema é mais adequado para nós, olimpienses de nascimento ou de adoção, que o folclore. Os gê-

neros folclóricos envolvem toda a vida popular, o que torna o tema dos mais ricos para a formação de uma variada e interessante coleção temática. Em todos os países: a literatura oral, os folguedos infantis, as credences, as superstições, a lúdica, as artes, as técnicas, a música, os costumes, a linguagem - que constituem o vasto campo folclórico, servem, freqüentemente, de inspiração e motivo para emissão de selos.

É sabido que a «filatelia exerce certa influência instrutiva sobre os colecionadores, que sem grandes esforços ampliam seus conhecimentos de Geografia, Lingüística, História, etc.» Assim, as coleções temáticas folclóricas não servem, apenas, de entretenimento para os seus organizadores, mas também de valioso instrumento educativo. Será ainda uma maneira de tornar Olímpia cada vez mais digna do cognome pelo qual já se tornou conhecida de «A Capital do Folclore».

N. R. — A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou a 6 do corrente, domingo, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, cinco temas folclóricos brasileiros: — O Bumba-meu-boi, a Capoeira, as Carrancas dos Barcos do Rio São Francisco, a Cerâmica dos Índios Carajás e as Danças Gaúchas, sob a orientação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Ministério da Educação e Cultura.

Secção de Folclore na Biblioteca Escolar

É uma necessidade a secção de livros folclóricos, pois é um complemento da Biblioteca Escolar.

A Escola iniciará o aluno na instrução, a Biblioteca completa.

A Biblioteca proporciona enriquecimento de cultura aos alunos, oportunidade para o desenvolvimento intelectual.

Para isso, a Biblioteca deverá estar equipada para auxiliar os estudantes em tudo o que os seus trabalhos exigirem.

Objetivos da Biblioteca de Folclore:

- a) Formar-se um campo para exploração e enriquecimento cultural.
- b) Difundir o folclore.
- c) Ensinar o uso de livros, visando a pesquisa e a educação individual.

O professor precisa conhecer o que a Biblioteca possui com relação ao Folclore e dar aos alunos problemas acompanhados de bibliografia.

A primeira questão é ensinar aos alunos a usar a Biblioteca.

O bibliotecário e o professor não devem se esquecer de que, em geral, o aluno não nasce um pesquisador, portanto, cabe a eles incentivar a idéia de investigação e descoberta, dando-lhe instrumentos para que ele possa agir.

O trabalho será paciente e bem planejado.

Por se tratar de uma biblioteca Escolar, ela não pode ser uma Biblioteca Especializada. Mas, sem nenhuma dúvida, nada impede que haja, nesta Biblioteca, uma secção especializada para o estudo do folclore. Através dela os livros e outros materiais, tais como mapas, cartazes, revistas, etc. são distribuídos aos alunos para todos os tipos de pesquisa. Por isso ela tem uma ação positiva e ativa de ensinar.

Realizará, então, a sua finalidade máxima: servir e difundir o folclore.

Nota importante:

Para a instalação de uma Biblioteca de Folclore, o professor deverá conhecer o livro "Bibliografia do Folclore Brasileiro" - Divisão de Publicações e Divulgação - Biblioteca Nacional - organizada por Bráulio do Nascimento com a colaboração de Cydinéa Bouyer - Rio de Janeiro (1971) e os periódicos lançados pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (MEC).

RÉQUIEM PARA AS CANTIGAS DE NINAR

GUILHERME SANTOS NEVES

Natural do Estado de Espírito Santo. Professor de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Espírito Santo. Interessado no folclore desde 1940, é Secretário Geral da Comissão Espírito-santense de Folclore e Diretor da Revista «Folclore» desde 1949 até hoje. Integra o Conselho Nacional de Folclore.

«Réquiem» - como se sabe e qualquer dicionário o consigna - é aquela parte do canto dos mortos que começa pela palavra réquiem, que dizer descanso.

Se assim é, a que vem aqui essa missa fúnebre, esse velório, essa «incelência» às doces cantiguinhas de berço?

Qualquer compêndio dirá que os acalantos são a parte mais doce e mais terna do folclore maternal ou infantil. Sobre elas têm escrito autores de todas as partes do mundo, sejam folcloristas ou não. Lembro-me, agora, da bela e comovente conferência que, sobre as «nimas» infantis, disse, em Havana, lá por 1943, o grande Poeta Garcia Lorca. Vale a pena lê-la - está ela nas «Obras completas de Garcia Lorca», Edit. Losada, Buenos Aires, 2.a edição 1944, págs. 117/139.

Outros poetas, embevecidos talvez em suas lembranças dos tempos menineiros - e como é obsessivo nos grandes Poetas o tema da infância! - outros poetas têm, inclusive, composto poeminhas ternos em forma de «berceuses»: Lorca, Unamuno, Gabriela Mistral, Juana de Ibarbourou, Fernando Pessoa, Antônio Nobre... e, entre os brasileiros, Augusto Meyer, Mário Quintana, Cassiano Ricardo, Mário de Andrade e outros.

Integradas no folclore, as canções de berço têm cativado a curiosidade e o interesse de grandes folcloristas. Em Portugal, Leite de Vasconcelos a elas dedicou acurado estudo de quase 150 páginas, em seus clássicos «Opúsculos» (Lisboa, 1938, vol. VII, parte II, págs. 780/927). E a nossa Cecília Meireles, numa série de artigos, em sua coluna «Infância e folclore» de «A Manhã», Rio, edições de fevereiro 1943.

Mas, por que «Réquiem» para essas cantiguinhas de adormecer?

Num capítulo do seu livro de crítica literária e assuntos correlatos, «Modo de Ler», Oscar Lopes focaliza um fato atualíssimo sobre o folclore em Portugal. Depois de salientar que «O teatro de revistas primeiro, e depois os ranchos, os sketches radiofônicos e publicitários, por fim as gravações comerciais e as paradas ditas «folclóricas» vão tirando ao folclore aquele halo de autenticidade que é a sua melhor marca, acrescenta Oscar Lopes, com razão: «... as sociedades fechadas tendem hoje a desaparecer; a extinção do analfabetismo, a expansão, aliás imprescindível, do ensino básico, o desenvolvimento multiforme das comunicações não podem deixar de reduzir ao mínimo a importância da transmissão oral e pessoal, que até agora se tem considerado como definitiva do folclore» (pág.68). Mais adiante, afirma, com vistas ao seu Portugal: «O folclore vivo faz parte integrante de funções sociais, funciona. Ao perecerem as ceifas, as debulhas, as danças, os trajos, as se-

menteiras manuais, perecem os cantos, as danças, os trajos que os estilizavam, os provérbios da sua sabedoria, e os dialetos de regiões outra isoladas. Como há de uma função sobreviver ao órgão adequado? O folclore formaliza-se, estereotipa-se e, portanto, degrada-se quando deixa de ser funcional, quando já não é uma expressão espontânea de formas orgânicas de trabalho e convivência» (pág.70).

«Folclore vivo» — diz Oscar Lopes, o que é, a meu ver, uma redundância. Todo folclore é vivo. Não há folclore morto. Já não sei quantas vezes frisamos teimosamente que o termo folclore não significa, de jeito nenhum, coisa que lá se foi, perdida no tempo; coisa que se recorda, às vezes, com saudade ou sem ela. Folclore tem outro sentido: não é o passado-passado, extinto, morto e arquivado como peças de museu. Não. É o passado ainda vivo, o passado-presente, o ontem que prossegue no hoje. Se fosse apenas o passado ou ontem sem vida, sem projeção, sem presença no hoje, não seria folclore, porque este é fato vivo, atual e atuante. O fato morto pertence à História, aos museus, ao arquivo. Não é folclore.

Entre estes fatos vivos do folclore universal estão as cantigas de ninar. Estão? Não sei...

Tememos o caso do Brasil. Gerações e gerações, desde o Brasil amanhecendo até, até... (até quando?) foram embaladas nos berços ou nos braços em forma de berços, ao som dessas doces cantiguinhas de adormecer. São centenas e centenas delas, alegres ou tristes, pequeninas quase todas, invocando a Maria, José e o menino Deus, o anjo da guarda, Santa Ana e vários santos e, às vezes, o bicho papão, o tutu marambá, o suçu ou sussurru e outros duendes. Canções que falam em nenens, no papai e na mamãe, nos trabalhos caseiros, nos maninhos e maninhas, no soninho sossegado, em passarinhos, em anjinhos, em bercinhos, em cueirinhos e outros -inhos da linguagem infantil e carinhosa.

Acontece, porém, que todo esse repertório de canções de acalantar crianças, parece, não se canta nem se ouve mais entre nós. Nem as mães jovens as conhecem, nem as mães mais velhas. O tempo vertiginoso, as imposições da vida social trepidante, a presença da música alopradada que o rádio e a TV transmitem sem pausa, tudo isso (e muito mais do que isso) concorre para insensibilizar as mães de hoje.

Ora, se já não se cantam essas cantigas de ninar, elas não mais são folclore que é - como se disse e se sabe - fato vivo.

As doces, ternas, suaves cantiguinhas de adormecer... morreram.

Réquiem para as cantigas de ninar.

Que a terra lhes seja leve, bem leve, leve...

ALGUNS MITOS DO BRASIL

Sugestões para trabalhos de artistas plásticos

Colaboração da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato - 1970 (Conselho Estadual de Cultura), da Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo, composta pelos seguintes membros: Prof. Rossini Tavares de Lima (presidente) Prof. Hélio Damante, Prof. João Alfredo Rabaçal, Prof. José Sant'anna e Prof.^a Laura Della Monica

Anhangá

Veado com olhos de fogo, que além de enganar os caçadores, desviando o tiro de suas armas rumo às pessoas queridas, traz febre e loucura em quem o vê; visagem ou fantasma de tatu, pirarucu, tartaruga, boi, cachorro e mesmo gente. Mito geral no Brasil.

Curupira ou Curupira

Anão ou índio pequeno, com os pés voltados para trás, cabelos vermelhos ou cabeça raspada. Conhecido em todo Brasil, em numerosas variantes.

Caipora ou Caapora

Homem coberto de pelos e montado num porco do mato. Pode ser barbudo, de testa curta e nariz chato. É louco por fumo e vive a pedir fogo para seu cachimbo. Corrente em todo o Brasil.

Boitatá

Serpente de fogo, que reside na água. Cobra grande que mata os animais, comendo-lhe os olhos; por isso fica cheia de luz de todos esses olhos. Touro ou boi que solta fogo pela boca. Espírito de gente ruim, que vaga pela terra, tocando fogo nos campos ou saindo que nem um rojão ou tocha de fogo, em variantes diversas, mito geral do Brasil.

Cavalo D'água

No rio São Francisco, caboclo baixo, musculoso, cor de cobre, rápido nos movimentos e sempre enfezado. Geralmente ser mítico que aparece nos rios a virar embarcações, assombrando e matando.

Cobra-Norato

No Pará, é um rapaz, Honorato, que se encanta numa serpente. Por vezes, solta a carapaça, que o cobre, e mete-se em festa. De madrugada, porém, volta ao suplício.

Boto

Peixe do rio Amazonas, transmudado em homem, e tido por incorrigível conquistador de mulheres. Torna-se caboclo alegre, forte e grande amigo de danças. Sempre, porém, de chapéu na cabeça, para que não vejam o orifício por onde respira. Na qualidade de boto, assalta as canoas que têm mulheres grávidas. É considerado o pai de muitas crianças que nascem por aquelas regiões amazônicas.

Mula-sem-cabeça

Mula mesmo, sem cabeça, negra, com uma cruz de cabelos brancos. Tem um facho luminoso na ponta da cauda. Mata quem encontra a coices. Desencantada, é uma linda mulher nua, que tem amores criminosos. Mito geral no Brasil.

Mão-de-cabelo

Tem forma humana, esguia, anda envolvida em roupagem branca. As mãos são feixes de cabelos, sedosos, macios. Assombra, em São Paulo e Minas Gerais, as crianças que urinam na cama, passando-lhe as mãos pelo sexo.

Chibamba

Mito de origem africana, de S. Paulo e Minas Gerais, que aparece vestindo folhas de bananeiras. Está sempre a dançar, rodando lentamente. Amedronta crianças que choram.

Mapinguari

Monstro amazonense. Gigante, com pelos negros no corpo, mãos compridas, unhas em garra e fome insaciável. Boca rasgada do nariz ao estômago, num corte vertical de lábios rubros de sangue. Seus pés têm forma de cascos. Devora só a cabeça do homem.

Capelobo

No Maranhão, parece uma anta. Tem pelos longos e negros e patas redondas. A cabeça termina por um focinho como o do porco ou cachorro. Pode ter um só pé, na forma de fundo de garafa. Alimenta-se de cães e gatos recém-nascidos. Índigenas velhos transformam-se em Capelobo. Conhecido também na região do Araguaia.

Labatut

Nome de um general francês, que deixou fama sinistra no Ceará. É um gigante, de pés redondos, cabelos compridos e revoltos, corpo inteiramente coberto de pelos ásperos, dente saindo fora da boca, olho no meio da testa, mãos compridas. Conhecido no Rio Grande do Norte como comedor de crianças.

Quibungo

Meio homem e meio animal. Cabeça muito grande e bocarra às costas, que se abre e fecha, quando abaixa ou levanta a cabeça. Por aí engole crianças. Pode ter a forma de cachorrão ou macacão peludo. É originariamente africano. Conhecido na Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

continua na página seguinte

Papa-Figo

Negro velho, sujo, vestindo farrapos, com um saco. Pode ser pálido, esquelético, com barba sempre por fazer. Atrai crianças, para comer-lhes o fígado, com momices ou mostrando-lhes brinquedos. Costuma ficar à saída das escolas, jardins e parques. Conhecido em todo o Brasil.

Gorjala

Gigante negro, com bocarra escancarada e faminta. Só tem um olho. Caça homens, metendo-os em baixo dos braços e comendo-os às dentadas. Habita às serras penhascosas do Ceará.

Bicho-homem

Grande, atlético, feroz, com um olho só e apenas um pé, que forma no chão uma pegada redonda. Tem dedos monstruosos e aguçadas unhas. É capaz de derrubar a murros uma montanha, beber rios e transportar florestas. Vive escondido nas serranias. É devorador de homens. Corrente, em variantes, no Brasil inteiro.

Alamoia

Na ilha de Fernando Noronha, é o vulto branco de mulher linda, nua, loura, que aparece a dançar na praia, iluminada pelos relâmpagos de tempestade próxima. Reside em um dos picos da ilha, para onde leva os homens que se apaixonam por ela. Aí transforma-se em caveira.

Angoera

Índio guarani. Homenzarão atlético, sisudo e calado. Guia dos Padres nas Santas Missões do Rio Grande do Sul. Batizado, tornou-se folgazão, alegre, doido por danças. Como Angoera, vive a brincar dentro das casas, sem ser visto. Até sapateia o fandango.

Arranca-língua

Em Goiás, é um macaco-homem, enorme. Atordoa e mata os animais a murros. Alimenta-se das línguas de bois e vacas.

Barba-ruiva

Homem encantado, que vive na lagoa de Paranaguá, no Piauí. Tem cabelos e barbas avermelhados, ruivos. Costuma aquecer-se ao sol, deitado na areia da lagoa. Quando sai da água, apresenta barba, unhas e peito cobertos de lodo e lama. Gosta de pegar mulheres para abraçar e beijar. Não faz mal a ninguém.

Cabeça-de-cuia

No rio Parnaíba, Piauí, é um homem alto, magro, com grande cabeleira sobre cabeça em forma de cuia. Devora de sete em sete anos uma mulher chamada Maria e também meninos que nadam no rio. Torna-se terrível nas noites de sextas-feiras.

Curaganga ou Cumaganga

No Maranhão e Pará, é sétima filha de um casal. A cabeça lhe sai do corpo, à noite, em forma de bola de fogo e gira à toa pelos campos. Pode aparecer em cima das árvores e bater na porta das casas. Ataca às dentadas.

Princesa de Jericoacoara

No Ceará, é uma princesa que mora em uma gruta, cheia de riquezas. Está transformada em serpente, com cabeça e pés femininos, coberta de escamas de ouro. Só poderá ser desencatada com sangue humano, fazendo-se uma cruz sobre o seu dorso. Aí, ao lado da princesa, aparecerão tesouros e maravilhas da cidade onde ela mora.

Pisadera

É o nosso conhecido pesadelo, personificado em velho ou velha que, segundo contam, costuma sentar-se à boca do estômago de quem dorme de costas. Pode ter a forma de mulher grande, saias compridas, pés redondos. Vulgar em São Paulo e Minas.

Porca dos Sete Leitões

Na versão paulista, é uma porca que vive com seus sete leitõesinhos, andando p'ra lá e p'ra cá. Era uma rainha que possuía sete filhos e que foram com ela transformados no que são agora, por vingança de um feiticeiro. Transformada em porca, muito alva, solta fogo pelos olhos, nariz e boca. Vive perto dos cruzeiros de estrada.

Pai do Mato

Em Goiás, homem de pé de cabra e corpo cheio de pelos. Mão semelhante a dos macacos. Barbicha. Cor escura, idêntica a do corpo do mato enlameado. Anda no bando desses porcos, cavalgando o maior. É apenas mortal no umbigo e tem urina azul. Raramente aparece ao homem.

Maçone

Em sergipe, é um ser mítico alto, todo vestido de ferro zincado, focinho comprido, olhos de fogo, pernas tortas e rabo. Vira bode preto altas horas da noite, para matar gente. Anda à procura de recém-nascidos para devorar.

Canhambora

Homem preto, grande e feio, que rouba crianças. Assombrado dos negros mortos a pancadas. Pode ser bicho, metade homem e metade cavalo, que agride caçadores. Tem, por vezes, cabelos compridos até os pés. Ressuscita animais mortos e mata os homens. Conhecido em Minas e São Paulo.

Cresce-Míngua

Dois homens bem pequenos, que ficam juntos às porteiras nas estradas. Quando alguém se aproxima deles, aumentam de tamanho, chegando a atingir oito metros de altura. De repente, desaparecem nas curvas das estradas. Ocorre em São Paulo, nessa variante.

Mito da Rede

Em São Paulo, lá pelos lados de Guarapiranga, aparecem dois homens do outro mundo, a carregarem uma rede de defunto. Um terceiro vai ao lado, a espetar o defunto com objeto pontiagudo. O jeito de livrar-se dessa assombrado é rezar um terço. Então, a rede passa e não faz mal a ninguém.

continua na página seguinte

Canoa Fantasma

É uma canoa na qual se acham as almas dos bandeirantes, que morreram afogados. As almas surgem nas margens do Tietê, embarcam na canoa e descem o rio. O objetivo delas é saber notícias dos parentes e procurar tesouros perdidos. Aparecem ao amanhecer.

Pilão de Fogo

Pilão ou mão - de - pilão, em labaredas, que percorre ruas e estradas, queimando os homens que saem a passear. Variante paulista.

Galo Depenado

Enorme galo, inteiramente sem penas, que se apodera do sbens dos usurários, depois de matá-los. Registro paulista.

Alma do Padre Aranha

Assombração de rancho de encruzilhada, que surrava tropeiros vadios. Se deixavam uma correia largada no chão esta começava a dobrar e dava-lhes uma surra. Se largavam à toa algum cambito de arrocho, era o pau que roncava nos seus lombos. Corrente em São Paulo.

Rondolo

Mito de colônia italiana no interior paulista. É uma ave muito grande, que voa adiante das nuvens negras, anunciadoras de tempestades. Pode causar danos e por isso deve ser afastado por meio de exorcismo.

Ana Jansen

Mulher que judiava de escravos. Agora, aparece nas ruas de São Luís, Maranhão, em carruagem tomada pelo fogo e puxada por cavalos sem cabeça.

Famaleal

Diabinho minúsculo, que se guarda dentro de uma garrafa. Quem possui o Famaleal enriquece milagrosamente, mas tem que pagar com sangue todas as sextas-feiras, os juros da preciosa relíquia. É preto e tem os pés de pato. Nasce do ovo de franga preta, chocado embaixo dos braços. Conhecido em Minas Gerais.

Boi Vaquim

Ser mítico do Rio Grande do Sul. Boi com asas e chifres de ouro. Mete medo aos campeiros, porque chispa fogo na ponta dos chifres e tem olhos de diamante. É preciso coragem para laçá-lo.

Cavalo das Almas

Animal miraculoso, que percorre as estradas à procura dos mortos recentes, que o esperam nos moirões das porteiras. As almas vão engarupadas nesse cavalo. Versão paulista.

FOLIA DE REIS

(FOLCLORE E RELIGIÃO)

DR. DIMAS EGYDIO DOS SANTOS — Membro do Departamento de Folclore - Olímpia

O mistério do sobrenatural sempre causou no homem manifestações de mágica preocupação. Do céu, de que há um pouco em cada um de nós, estabelece ele um contato com as entidades supraterras, em forma de meditação, cânticos ou festas. Na evocação popular, ao contrário do que acontece com o Espiritualismo, não há preocupações maiores em se conhecer o mistério da vida. As divagações às eternas perguntas: de onde vim? para que vim? para onde vou? não fazem parte dela. Parece-nos que, tradicionalmente, as festas populares de caráter místico, interrelacionam-se exclusivamente com as coisas temporais. A natureza é a mãe suprema. Assim, reza o homem para chover, na esperança de fartas colheitas, ou para extinguir pragas que assolam as plantações. São festas e rituais que chegaram até nós pela tradição, alentadas pelo sentimento do sobrenatural.

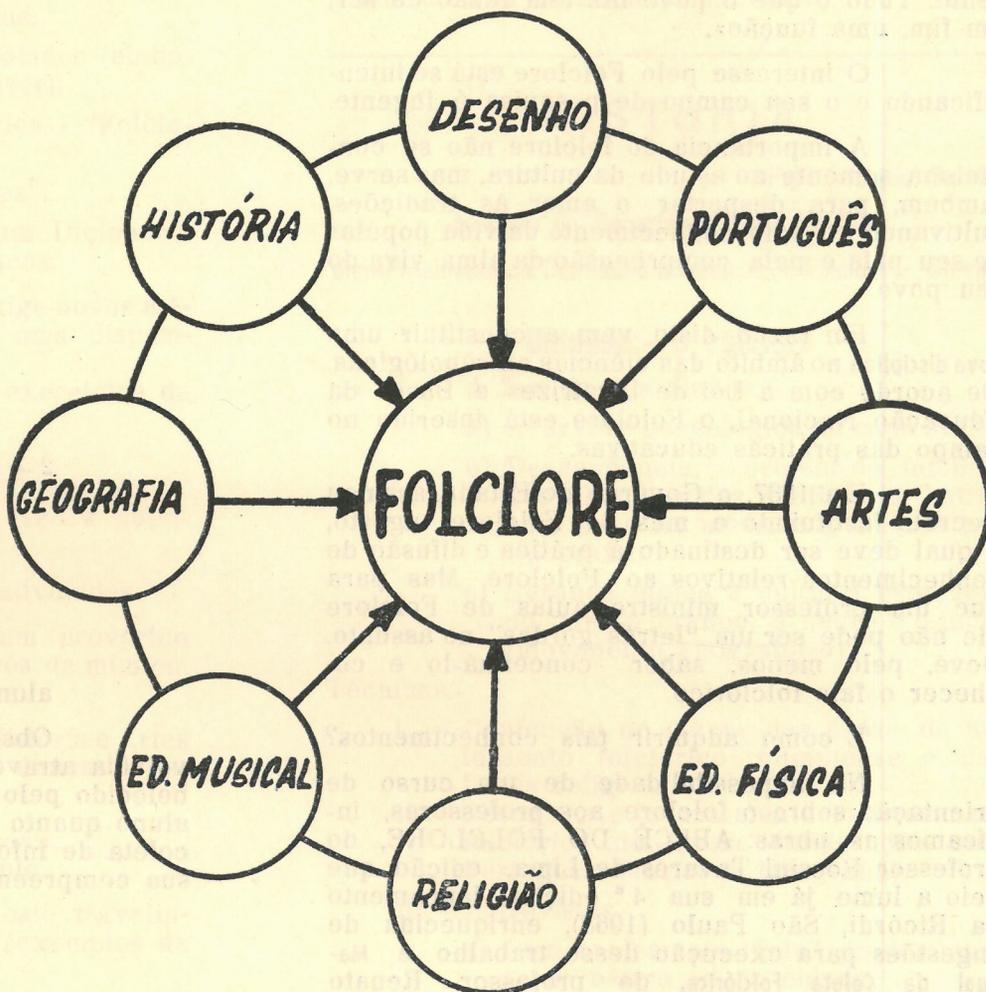
Uma das festas mais populares, em São Paulo, é a da Folia de Reis, cuja origem parece ser portuguesa, e relacionada aos rituais da fecundidade. Hoje, tem propósitos mais amplos, e seus seguidores oferecem o ritual para o pagamento de promessas, as mais diversas. O mestre da Companhia oferece seus préstimos ao "promesseiro", a quem compete o custeio da festa, para a qual são juntados os donativos angariados durante a peregrinação, também chamada "giro" ou "viagem sagrada", o que, em

nossa região, é feito entre meia-noite do dia 24 de dezembro e 6 de janeiro, em jornada ininterrupta. A chegada à casa do promesseiro se dá no Dia de Reis, com o local já preparado para a recepção da folia. A chegada é alegre e cerimoniosa, com passagem pelos arcos (feitos de bambu) e que são em número de 3 ou 6. São oferecidas pelo promesseiro, 3 mesas, em ordem de procedência: a dos Anjos (para as crianças); a dos Convidados (marmanjos) e a dos Figurantes da Companhia. É a chamada "Festa da Porteira Aberta", na qual os próprios membros da Companhia fazem as vezes de garçom. Aí são servidos vários pratos, destacando-se as carnes de vaca, leitoa, frango e cabrito. As Companhias não apresentam um número fixo de participantes, variando de 11 a 20, e suas figuras principais são: mestre, contra-mestre ajudante, contralto, 5.ª voz e tala.

Em Olímpia há mais de 30 Companhias de Foliás de Reis, que perfilham a "baiana" e "mineira". Seu grande protetor é o conhecido professor Dr. José Sant'anna, que é, também, o grande responsável pela realização do Festival de Folclore que se realiza em Olímpia, em todo agosto de cada ano. Graças àquele ilustre professor e folclorista emérito, Olímpia preserva, para a pátria comum, o germe da cultura popular-inocente flor que, teimosamente, sobrevive nas estéreis ranhuras do progresso.

Aproveitamento do Folclore na Educação

**ESTUDO
INTEGRADO**



É uma necessidade social a aplicação do Folclore à educação, pois é uma contribuição do mais alto significado, pela intenção formativa e pelo caráter de patriotismo que imprime.

PLANEJAMENTO PARA O 1.º GRAU

MÊS DE AGOSTO

Trabalho organizado por um grupo de professores de Olímpia.

RECOMENDAÇÃO

«Folclore é, em sua essência, a sabedoria do povo, isto é, o que o povo pensa, faz e sente. Tudo o que o povo faz tem razão de ser, um fim, uma função».

O interesse pelo Folclore está se intensificando e o seu campo de pesquisa é ingente.

A importância do folclore não se condiciona somente ao estudo da cultura, mas serve, também, para despertar o amor às tradições, cultivando - o pelo conhecimento da vida popular de seu país e pela compreensão da alma viva do seu povo.

Em razão disto vem a constituir uma nova disciplina no âmbito das ciências antropológicas. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Folclore está inserido no campo das práticas educativas.

Em 1967, o Governo do Estado, assinou Decreto instituindo o mês do Folclore, agosto, o qual deve ser destinado à prática e difusão de conhecimentos relativos ao Folclore. Mas para que um professor ministre aulas de Folclore ele não pode ser um "letras gordas" no assunto. Deve, pelo menos, saber conceituá-lo e conhecer o fato folclórico.

Em como adquirir tais conhecimentos?

Na impossibilidade de um curso de orientação sobre o folclore aos professores, indicamos as obras: ABECÊ DO FOLCLORE, do professor Rossini Tavares de Lima, edição que veio a lume já em sua 4.^a edição, lançamento da Ricórdi, São Paulo (1968), enriquecida de sugestões para execução desse trabalho e Manual da Coleta Folclórica, do professor Renato Almeida, edição da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro - Ministério da Educação e Cultura, trabalho didático que visa o integral aproveitamento do Folclore.

PORTUGUÊS

Assunto: O Folclore

Prof. José Sant'anna

(para duas semanas)

Objetivo geral:- Ajudar o aluno a observar, a refletir, a desenvolver a capacidade de crítica e a capacidade de agir.

Trabalho sintético que dará uma visão de conjunto que se pretende realizar durante a quinzena de estudos do Folclore.

Objetivo formador - Estudo da cultura popular (realizado de comum acordo com as demais áreas).

Os professores de uma determinada série do curso do 1.^o grau, em reunião, fazem um levantamento dos principais pontos de interesse do Folclore.

Objetivos específicos - Os objetivos específicos da cadeira de Português serão desenvolvidos através das seguintes atividades didáticas:

1 - leitura

Objetivo específico - compreensão das idéias, observação dos pormenores, reflexão e conclusão.

a) textos (um por semana, acerca dos contos populares brasileiros). Fases do desenvolvimento do trabalho.

- leitura silenciosa pelo aluno.
- leitura expressiva pelo professor.
- levantamento de compreensão do vocabulário.
- construção de frases com o vocabulário adquirido.
- compreensão do assunto do texto.
- divisão do texto em frases.
- a idéia central.
- técnica de expressão.

2 - exposição oral

objetivos específicos- desinibição, propriedade vocabular, aprender a ouvir e respeitar a opinião dos colegas, debater e criticar construtivamente. a) Pesquisas - em - em livros e na comunidade (observação direta do aluno).

Observação:- A pesquisa pode ser desenvolvida através de estudo dirigido (roteiro estabelecido pelo professor) e entrevista (orientar o aluno quanto a questionário mínimo que vise a coleta de informações que estejam à altura de sua compreensão).

b) em classe:

trabalho em grupo - exposição e debates sobre as informações recolhidas.

3 - Redação:- Sugerida pelo texto ou pelos temas das coletas.

4 - Gramática:- Será desenvolvida da seguinte maneira:- O material fornecido pelo próprio aluno (levantamento dos erros cometidos, ditados pelo elemento "folc", em classe, juntamente com os alunos, aproveitando os conhecimentos anteriores da língua).

Sugestões para o desenvolvimento de gramática, nesta unidade.

Os exemplos a serem dados, em torno do assunto gramatical exigido, devem fazer alusão ao Folclore Brasileiro em todos os seus aspectos, sobretudo, nos do Folclore Regional.

Técnicas sugeridas:-

- 1 - Trabalho em grupo.
- 2 - Estudo dirigido:- pesquisa e entrevista.
- 3 - Debates.
- 4 - Redações.
- 5 - Relatórios sobre os trabalhos sugeridos.

- 6 - Organização de quadros sinóticos pelos alunos.
- 7 - Mural didático.
- 8 - Cartazes informativos.
- 9 - Revista escolar.
- 10 - Excursões e visitas.
- 11 - Jograis e coros falados (elaborados pelo professor).
- 12 - Concursos literários - "Folclore".
- 13 - Projeção de "slides".
- 14 - Organização de um Dicionário de termos folclóricos.

Este tipo de ensino exige novos métodos e técnicas e, principalmente, uma disposição especial do professor.

Sugestão de alguns exercícios de expressão corporal e comunicação.

- 1 - Mímica
 - a) representação de ações populares.
 - b) representação de atividades.
 - c) representação de um provérbio pelos alunos através da mímica.
- 2 - Mímica e diálogo.
(integração com História e Artes - representação de danças: - catira, etc.
- 3 - Exercícios de dicção.
pronúncia - Exemplo.

Dizer frases, como este trava-língua. Tire o trigo dos três tigres (exemplos de de aliteração).

- 4 - Contar uma estória (um conto, por exemplo). O aluno deverá contar a estória para depois apresentá-la gravada diante da classe.

Atividades extraclasse

- 1 - Levantamento do artesanato folclórico.
- 2 - Registro de estórias contadas na região (narrativa popular).
- 3 - Coleta de quadrinhas usuais na região, daquelas que aparecem nos correios elegantes, por ocasião de quermesse.
- 4 - Descrição dos grupos de danças e folguedos folclóricos.
- 5 - Organização de um pequeno Dicionário de termos populares. Se possível, sempre após a definição, justificar a razão de existência do termo.
- 6 - Criação de um Departamento de Folclore na Escola.

Este Departamento de Folclore se destinará ao estudo das culturas regionais do Brasil, com seus costumes, lendas, músicas, crenças e modismos lingüísticos, acolhendo como colaboradores alunos e pessoas da comunidade interessados nesses temas.

O Departamento promoverá exposições e demonstrações folclóricas em colaboração com a "Secção de Folclore" do estabelecimento, principalmente aquelas que fornecem melhor conhecimento da alma do povo e das diversas regiões do país, de maneira a fortalecer a consciência de unidade nacional.

HISTÓRIA

Prof. Victório Sgorlon

Membro do Departamento de Folclore

Vice-Presidente da Comissão Municipal de Folclore - Olímpia

Unidade:- O Folclore

- I - A família dos alunos.
 - a) A árvore genealógica de cada aluno.
 - b) Descendência - origem das famílias dos alunos e das famílias do bairro com base na amostra levantada por Geografia.
 - c) Herança étnica e cultural estendendo para o branco, o negro e o índio (movimento emigratório);

Técnicas:-

- I - Confecção de mapas das áreas do artesanato folclórico olimpiense e das festas religiosas.
- II - Pesquisas e levantamento do artesanato folclórico do bairro (integração com Português, Música e Geografia).
- III - Entrevistas:-
 - a) Com o elemento "folc" predominante no bairro ou na cidade.
 - b) Com grupos folclóricos.
- IV - Assistência às apresentações folclóricas.
- V - Pesquisas em livros.
- VI - Confecção de trabalhos e gráficos relacionados ao folclore.
- VII - Trabalhos em grupo.

Obra indicada:- Dicionário do Folclore Brasileiro, de Luís da Câmara Cascudo, além das obras já citadas no preâmbulo deste planejamento.

GEOGRAFIA

Tema: - O Folclore

Prof. Valdecir Casagrande

1.º Olímpia (integração com História e Português): situação geográfica - aspectos físicos - origem, fatores do desenvolvimento, declínio e Olímpia atual.

2.º ASPECTOS GEOGRÁFICOS DOS BAIROS:

Situação geográfica, origem, função, festas tradicionais (integração com Religião, História e Português.)

continua na página seguinte

3.º) ASPECTOS GERAIS DA CIDADE E RIGIÃO:

Nomenclatura popular dos acidentes geográficos, caminhos, bairros, povoados, ruas ligados à formação e desenvolvimento (integração com História e Português).

4.º) Recenseamento do artesanato folclórico dos bairros e das regiões vizinhas: trabalhos em barro, madeira, chifre, cera, miolo de pão, papel, lata, bambu, palha de milho, cipó e outras fibras, couro, fio de algodão, pinturas ou desenhos, etc. (integração com Desenho e Artes Industriais).

Técnicas:

- 1.º) - Levantamento de dados.
- 2.º) - Observação direta do aluno.
- 3.º) - Entrevistas.
- 4.º) - Excursões.

5.º) - Pesquisas em livro (Arquivos do Semanário: Jornal da Cidade, Tablóide, boletins, etc.)

DESENHO

Prof. Fernando de Freitas Luiz

Conteúdo: O folclore Desenho Geométrico

Triângulos: divisão - estudo . Quadriláteros: divisão - estudo . Círculos: áreas - estudo. Circunferência: linhas - estudo.

Desenho Decorativo

A Aplicações do geométrico aprendido.

- 1 - Decoração do triângulo, aplicando motivos folclóricos.
- 2 - Decoração do quadrado, aplicando motivos folclóricos.
- 3 - Decoração do círculo, aplicando motivos folclóricos.
- 4 - Forma fundamental - triângulo - Desenhar objetos folclóricos, aplicando a forma do triângulo.
- 5 - Forma fundamental do quadrado - e do círculo (idem ao item 4).

Desenho de Criação

- a - Tapetes (motivos folclóricos).
- b - Colchas (motivos folclóricos).
- c - Máscaras (motivos folclóricos).
- d - Coxonilhos (motivos folclóricos).
- e - Bordados (motivos folclóricos).
- f - Flores artificiais (motivos folclóricos).
- g - Recortados de papel para enfeite.

Escultura (motivos folclóricos)

Panelas - potes - bonecos - figuras de presépio, imagens, cachimbos, bonecas, figuras, santos, máscaras, etc.

Sugestões de Temas

- 1 - Festas de Santos Reis (muito comum em Olímpia).
- 2 - Festa do Divino.
- 3 - Eu e as festas juninas.
- 4 - A fábrica de farinha de mandioca.
- 5 - A noite de São João.
- 6 - A festa do folclore em minha cidade.
- 7 - A dança folclórica preferida por mim.
- 8 - A casa de caboclo.

Técnicas de Coloração

a) guache - b) aquarela - c) lápis cera - d) colagem - e) nanquim - f) anilina.

Materiais de Escultura e Modelagem

a) madeira; b) barro; c) chifre; d) cera; e) miolo de pão; f) lata; g) arame; h) papel; i) massa de papel, etc.

EDUCAÇÃO MUSICAL

Conteúdo: - O Folclore

Profª. Maria Aparecida do Araújo Manzolli

Membro do Departamento do Folclore - Olímpia

I - A família dos alunos

A) Levantamento artístico da família dos alunos e do bairro—programas preferidos, tipos de músicas preferidas—discos preferidos.

B) Trabalho em equipe

- a) Formação da música brasileira (integração com Geografia).
- b) Origem do folclore (integração com Português).
- c) Característica do folclore com apreciação musical.
- d) Importância do folclore.
- e) Conceito de folclore.

II - O bairro na cidade.

A) Levantamento do artesanato folclórico (integração com Geografia, História e Português).

B) Danças típicas folclóricas.

C) Levantamento e estudo dos instrumentos musicais das Folias de Reis, do Divino, de São Sebastião, de São João, das Escolas de Samba e do Cateretê.

D) Músicas folclóricas relacionadas com a religião, ao trabalho, às críticas políticas, aos pregões de rua, à mesa e bebida, etc.

TÉCNICAS

1 - Levantamento estatístico das preferências musicais folclóricas da família e do bairro (integração com História e Geografia).

2 - Apreciação musical dos temas folclóricos.

3 - Confecção de trabalhos a respeito do folclore (integração com História, Geografia e Português).

4 - Interpretação das letras das melodias folclóricas (integração com Português e História).

CONCEITOS

- 1 - Etnia - herança musical
- 2 - Audição, apreciação e interpretação musical folclórica.
- 3 - Conceito de folclore.
- 4 - Diferença entre música popular e folclórica.

continua na página seguinte

ARTES INDUSTRIAIS

Unidade: - O Folclore

Prof. Paulino Rodrigues

Membro do Departamento de Folclore — Olímpia

Objetivos gerais.

- 1 - Desenvolver no aluno o gosto pelo folclore.
- 2 - Familiarizar-se com os problemas relacionados com a sociedade.
- 3 - Fazer compreender, usar, escolher e conservar produtos do folc.
- 4 - Mostrar técnicas de trabalho e processos de produtos do folc.
- 5 - Dar conhecimento das matérias primas utilizadas pelo folc.

A Comunidade e a Família

- a) Levantamento do artesanato popular existente no município.
- b) Mostrar a atuação dos artesãos através de seus produtos, nos diversos campos da atividade humana.
- c) Mostrar a colaboração do artesanato como meio de vida da família.

Técnicas

Após fazer o levantamento dos produtos do folc existentes na cidade, organizar uma visita ao elemento folc, procurando mostrar ao aluno a sua organização.

Confecção de jornal mural, cartazes, álbum sanfonado, com artigos e fotografias sobre o artesanato popular.

Organizar uma exposição acerca do artesanato popular do município.

Objetivos a serem alcançados

Desenvolver o espírito de observação com relação ao artesanato popular.

Tomar conhecimento dos artesãos existentes na região.

Valorização do Folclore.

Desenvolver o gosto pela leitura relacionada com o Folclore.

Conhecimento da matéria prima, empregada pelo folc, sua origem, aquisição, etc.

EDUCAÇÃO FÍSICA

(secção feminina)

Conteúdo:- O Folclore

Prof.^a Neves Manfré Santos

Criadora dos desfiles de projeção folclórica - membro do Departamento de Folclore Olímpia.

Atividades:-

- 1 - Danças folclóricas:-
 - a) Coco
 - b) Balaio
 - c) Cana-verde
 - d) Pau-de-fita
 - e) Rancheira-de-carreirinha.

Integração:-

Educação Musical — aproveitar os cantos.

Técnicas

- 1 - Informações sobre as danças.
- 2 - Observar, através da palestra informal com as alunas, como é recebido, na família e comunidade, as atividades recreativas da Escola.

Fins a atingir

Desenvolver a camaradagem, graça, honestidade, espírito de cooperação, acato à professora, pontualidade, atitudes e posturas corretas, apresentação pessoal, etc.

Observação:- Sempre que houver oportunidade, inalterar as atitudes corretas do corpo e a Educação Moral e Cívica.

“O Folclore é um dos grandes meios de se sentir a Pátria”.

EDUCAÇÃO FÍSICA

(secção masculina)

Prof. Erciley Parolim

Unidade: Folclore

Objetivos

Psíquicos: Situação e percepção - Atos reflexos. Automatização e condicionamentos. Satisfação de agressividade natural. Auto - afirmação.

Morais: Conhecimento e respeito a si mesmo, às autoridades e ao próximo. Liberdade consciente.

Sociológicos: Convívio social. Formação de amizades dentro de um espírito de camaradagem que caracteriza todas as atividades recreativas. Espírito de solidariedade humana e intercâmbios como torneios folclóricos, etc.

Programa de Folclore

Olimpíada de Brinquedos Tradicionais
Infanto-Juvenis: Empinar papagaio. Bétia. Boli-
nha de gude. Malhas. Corrida dentro do saco.
Bodoque. Estilingue. Pau de sebo. Corrida do
ovo. Cobra cega. Cabra cego. Amarelinha. Pular
corda. Perna de pau. Jogo da rolha. Quebra-po-
te. Rodar arco. Pôr o rabo no burro.

A fim de estimular os estudantes, os vencedores receberão um prêmio ou certificado de participação como vencedor.

continua na página seguinte

EDUCAÇÃO RELIGIOSA

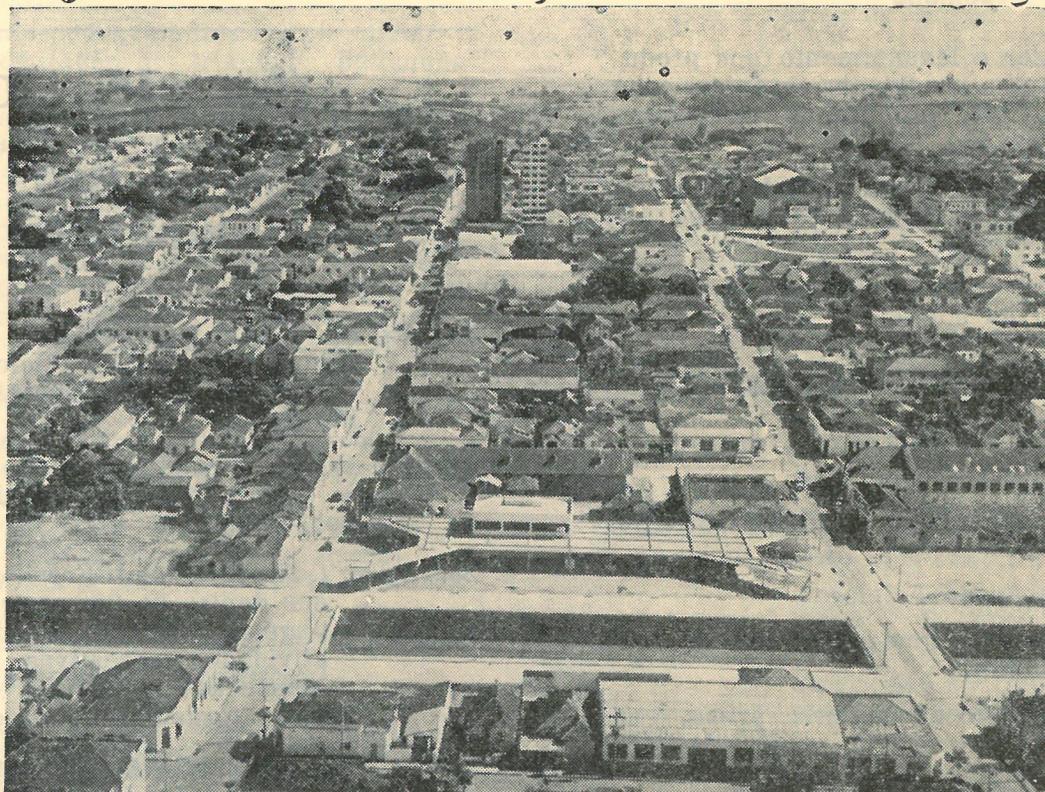
Unidade: Folclore

O professor de Religião dirá a seus alunos que as crenças populares sempre existiram e continuarão existindo sempre, mas quem acredita verdadeiramente em Deus, deverá saber afastar do plano religioso todos os elementos que lhe são prejudiciais. Para isso, deverá ser feito um levantamento de tudo quanto interesse ao Folclore e Religião para estudo comparativo.

Os alunos, em equipe, cuidarão da coleta dos seguintes temas:

- 1 - Levantamento das orações.
- 2 - Nomes de santos.
- 3 - Recomendação de almas.
- 4 - Folias de Reis.
- 5 - Folias de São Sebastião.
- 6 - Dança de São Gonçalo.
- 7 - Simpatias (Medicina Popular).

- 6 - Terço «25 de março». (Superstições e Crenças nas festas dos santos caipiras).
- 7 - O presépio popular.
- 8 - Ex-votos.
- 9 - Os molha-cruzes.
- 10 - Penitências.
- 11 - Benzedeadas.
- 12 - A malhação do Judas.
- 13 - Capelas de beira de estrada.
- 14 - Excelências (cantos para defuntos).
- 15 - Novena para chover.
- 16 - Andores e seus enfeites.
- 17 - Programas das festas tradicionais.
- 18 - Festas em louvor a São Cristóvão.
- 19 - São João Batista (padroeiro da cidade).
- 20 - Santas cruzes.
- 21 - Oratórios.
- 22 - Música religiosa folclórica.



Vista parcial de Olímpia, situada no coração do Vale do Rio Grande, antiga

“Noiva Sertaneja”, depois “Cidade Menina-Moça”

e, hoje, “Capital do Folclore”.

Turismo Cultural Folclórico

Iseh Bueno de Camargo

(Professora efetiva de Educação do CENE «Capitão Narciso Bertolino». Jornalista licenciada pela E. J. Cásper Libero.

Membro do Departamento de Folclore - Olímpia

Quando agosto chega, com seus dias claros, tardes calmas e ligeiramente frias, um frêmito de entusiasmo percorre o sangue do povo olimpiense e uma como quê ansiedade se apossa de todos os amigos e vizinhos da cidade, na expectativa da grande festa que se aproxima. Agosto é o mês do Folclore. Pouco mais seria necessário dizer. Muitos conhecem a festa que se faz tradição em Olímpia, tradição dentro das nossas mais lídimas tradições.

Alguém pode querer saber, com pormenores o que é a semana do Folclore em Olímpia. Assim sendo, acho que fica um tanto difícil explicar o que é, desde que falta, em nosso linguajar, o necessário colorido que os olhos deslumbrados do turista visualizam. Faltam-nos palavras para descrever a magia que emana do ritmo quente das danças populares quando, ao som de músicas, desfilam pelas ruas os componentes de uma congada, quando os caiapós, cobertos de capim, assustam a criançada, por suas faces azuis, quando se entrechocam os bastões coloridos do moçambique...

Sim, em agosto, durante a semana do Folclore, o brasileiro de todos os recantos do país, o estrangeiro, todos, enfim, poderão reviver folguedos populares que enriquecem a cultura brasileira. Poderão sentir de perto toda a beleza e nostalgia que emana do retorno de esquecidas superstições e crendices que aqui revivem para o encanto de quantos nos visitam.

Olímpia não vive apenas suas tradições em agosto. Durante o ano todo, inúmeros festejos são realizados, prestam-se homenagens a São Sebastião, à Santa Cruz, ao Divino Espírito Santo, a São Benedito, São João, Santo Antônio, as ruas da cidade são recobertas por exóticos tapetes de flores, pó-de-serra, pó de café, cacos de vidro para passagem da procissão de «Corpus Christi». Mas é agosto que congrega milhares de pessoas que vibram, que fremem de alegria e de entusiasmo que se desluzem ante o colorido que todos envolve, que vivem horas de puro entusiasmo durante o tradicional rodeio.

O visitante de Olímpia, por época da festa do Folclore, poderá ver, ao vivo, alguns dos mais empolgantes folguedos paulistas:

1) Congada, também chamada Terno de São Benedito, Batalhão do Congo, folguedo de formação afro-brasileira, destacando costumes tradicionais de Angola e Congo, apresentando coreografias de manobras guerreiras, principalmente espadas.

2) Moçambique de indumentária colorida e rica coreografia, destacando-se o uso de bastões que se entrechocam ou formam, no solo, variados desenhos, sobre os quais dançam os componentes do grupo.

3) Caiapó, grupo de pessoas recobertas de capim, com um interessante ritual que lembra costumes indígenas, africanos, ibéricos e recorda fatos do bandeirismo. Chamam a atenção pelo grotesco das vestes, pelas cores vibrantes do azul ou roxo com que revestem mãos e rosto e pelo "roubo" e "resgate" de jovens caiapós.

4) Cavallhada, verdadeiro espetáculo cênico onde, além da magia multicolorida dos trajes dos elementos do torneio equestre, há todo o desenrolar das lutas entre mouros e cristãos. É um dos mais deslumbrantes espetáculos

do nosso folclore, uma vivida reminiscência que nos foi legada pelos ibéricos e ainda nos envolve, emocionalmente, quando a luta sob a forma de verdadeiras acrobacias equestres, pende para o lado dos mouros.

5) Folias de Reis, oriundas de várias regiões do Estado, grupos de pessoas que, ao som da viola, caixa e pandeiro, flauta às vezes, cantam louvores ao dono da casa angariando donativos para a festa dos Santos Reis.

6) Batuque, dança de origem angolconguesa com a apresentação da famosa umbigada e o rítmico bater de pés, acompanhando o som de inúmeros instrumentos de percussão.

7) Catira, de origem indígena. Ao som da viola, os participantes fazem evoluções, sapateiam de várias maneiras, batem palmas, uma coreografia difícil e original. Olímpia possui seus bons "catireiros" e, o que é importante, possui os "catireiros-mirins", alunos do 1.º grau em sua maioria, muito bem "afinados" e dignos de serem vistos.

8) Cordão dos bichos, a alegria da garotada, bichos fantasmagóricos que, de Tatuí, trazem para esta região o encantamento das velhas lendas brasileiras.

9) Fandango, com seu forte sapateado, acompanhado, pelo som das esporas e sua rica coreografia. Os meninos que apresentam o fandango de Olímpia são maravilhosos e precisam ser conhecidos por todos.

10) Capoeira, já bastante conhecida e divulgada, porém, sempre encantadora forma de luta, que relembra a escravidão e os anseios de liberdade do negro cativo.

Depois de todas essas atrações, há ainda as magníficas danças que, sob orientação da professora Aparecida Manzolli, são levadas na quadra de esportes, danças que têm todo o encanto das que são levadas no Rio Grande do Sul, e, ousado afirmar, mais belas ainda, mais coloridas pela graça dos jovens dançarinos locais: a Chimarrita, a Cada-Verde, a dança do Pau-de-Fita, a dança do Bambu, espetáculo deslumbrante, rico em sua coreografia e assustador por vezes no seu ritmo acelerado e ousado até.

Os visitantes poderão, ainda, passear pelas inúmeras barracas que ornamentam a praça central da cidade, comendo os pratos tradicionais da cozinha brasileira: churrasco, vatapá, cupim, lingüiça cuiabana; tomar uma pinga, uma caipira, um xixi de anjo e adquirir peças peças folclóricas de autêntico valor, tais como bonecas, flores, cerâmica variada.

E não se esqueçam: os desfiles de carros alegóricos, de grupos variados com suas ricas fantasias típicas, de foliões e dançarinos de inúmeras partes do Estado e de outros Estados também, é o ponto alto das comemorações do mês. É inútil descrevê-lo. É preciso ver de perto para julgá-lo, para deslumbrar-se. Isso é turismo com letra maiúscula, é o autêntico turismo que não é «para inglês ver», turismo que dará a todos uma visão geral dos costumes populares do país e, de certo modo, do desenrolar da cultura do povo brasileiro, através dos tempos.

Conhecer a festa do Folclore de Olímpia é conhecer o Folclore Brasileiro. Não se pode perdê-lo. Não se pode esquecê-lo jamais.

3.a MARATONA INTELLECTUAL FOLCLÓRICA

Sugestões para o aproveitamento do Folclore na Escola.

Experiência realizada por um grupo de professores secundários durante o 7.º Festival de Folclore de Olímpia.

“O estudo do folclore contém em si preciosos ensinamentos que, devidamente selecionados e aproveitados, serão de valor inestimável na formação e educação do povo”. (Joaquim Roque - Revista de Ensino, n.º 95).

Com base neste mesmo ponto de vista um grupo de professores secundários do CENE “Capitão Narciso Bertolino” e C.E. “Dr. A. Augusto Reis Neves”, de Olímpia, organizou a 3.ª Maratona Intelectual Folclórica, em 1971.

Nossos objetivos foram os seguintes:

- 1 - Levar os jovens de nossa comunidade a se interessarem pela sabedoria, sentimentos e o espírito de tradição do povo brasileiro.
 - 2 - Levar os jovens estudantes a valorizar o Folclore em seu aspecto de ciência, de estética e de comunidade.
 - 3 - Levar os jovens a assimilar a cultura popular, levando-os a uma maior integração da vida espiritual da comunidade e do país.
 - 4 - Levar os educandos a observar diretamente os elementos folclóricos que os cercam no lar, na escola, na comunidade, para que possam de fato reconhecer suas características e peculiaridades.
- Levar os educandos a perceber o estudo da cultura popular como um instrumento de compreensão do homem e da comunidade que integra.

A primeira etapa de nosso trabalho foi reunir o grupo e planejar da maneira que segue todas as fases da competição.

1.ª fase:

Foi feita a divulgação da Maratona pelo rádio local e também pela imprensa, com o objetivo de incentivar os estudantes de nossa cidade, durante a semana que antecedeu as inscrições das equipes.

2.ª fase:

No ato da inscrição foi apresentado a cada uma delas, além de uma ficha especial (modelo anexo), o regulamento da maratona em todas as suas fases. (segue o modelo do regulamento).

Sugerimos que as equipes levassem nomes folclóricos como “Equipe Bumba-meu-boi”, Equipe «Saci-pererê», “Equipe Capoeira”.

3.ª fase:

Entrega das tarefas sorteadas e lacradas aos grupos inscritos. (seguem os exemplos das tarefas).

4.ª fase:

Apresentação e avaliação das tarefas pela comissão julgadora (regulamento dado à

comissão julgadora) e ficha de controle dos pontos.

5.ª fase:

Realização da prova intelectual, na mesma noite, e apresentação geral dos resultados com a entrega dos prêmios.

Conclusões:

Os resultados foram excelentes. O entusiasmo dos grupos competidores contagiou as famílias e a população em geral. Os jovens tiveram oportunidade de pesquisar e entrar em contato direto com os elementos folclóricos, tiveram oportunidade e de conhecê-los melhor, nas suas vidas e na sua arte.

Os grupos tiveram que estudar para a prova intelectual, pois esta não foi individual, mas feita com a participação de toda a equipe de 5 membros.

A esta prova foi atribuído maior número de pontos que as demais e foi a que realmente decidiu a vitória da equipe vencedora.

Materialmente conseguimos entre outras coisas uma quantidade enorme de ovos que se aproximou a 560 dúzias. Estes ovos foram doados à caixa escolar das unidades primárias, santa casa de misericórdia, asilo de velhos, creches, cruzada espírita de assistência social.

Ovos, frangos, laranjas, tomates, pães foram doados à comissão organizadora do festival encarregada da alimentação dos inúmeros grupos folclóricos visitantes que vieram para participar do festival.

O dinheiro foi entregue à comissão para ser aplicado em gastos do festival e parte se reverteu em prêmios para as equipes participantes.

O interesse e entusiasmo de nossos jovens estudantes aumentou quando, em praça pública, foram apresentadas as tarefas e o povo ali reunido teve oportunidade de assistir a um verdadeiro espetáculo folclórico com a apresentação das tarefas propostas aos grupos.

Acreditamos que aos poucos nossos objetivos vão sendo atingidos, porque sentimos em nossa comunidade um crescente interesse das crianças, jovens e adultos pelo nosso folclore e pelo nosso festival.

Aos poucos passamos de todas as idades se descontraem, cantam e dançam nossas coisas e nossas tradições. Não é sem razão que Olímpia já é chamada oficialmente «A CAPITAL DO FOLCLORE».

Comissão Organizadora

Prof. José Roberto Cardoso
Prof. José Sant'anna
Prof.a Leila Aparecida Riscali
Prof.a Lucia M. L. Branco Fonseca
Prof.a Maria Cecília C. Franco
Prof.a Maria Eugênia Donadão
Prof.a Maria Eulina C. L. Ferraz
Prof.a Nilza Tonani
Prof. Rothschild Mathias Netto
Prof.a Silveli Salomão Bruno
Prof.a Tereza Colletto Souza.

continua na página seguinte

III Maratona Folclórica

A III Maratona Folclórica será realizada na Praça Rui Barbosa, dia 13, sexta-feira, às 19 horas.

REGULAMENTO

I - INSCRIÇÃO

1 - Poderão inscrever-se os alunos dos cursos ginásial e colegial dos estabelecimentos de ensino de Olímpia.

2 - As inscrições deverão ser feitas no CENE «Capitão Narciso Bertolino», nos dias 9 e 10, 2.^a feira e 3.^a feira, das 8 às 11 horas, com os membros da Comissão.

3 - Cada equipe deverá inscrever 5 elementos que participarão da prova intelectual e outros 3 que serão responsáveis pela apresentação das provas na Praça Rui Barbosa.

4 - No ato da inscrição cada aluno deverá declarar nome, residência, série, curso, período e estabelecimento de ensino.

5 - Cada equipe deverá apresentar uma denominação que a identifique, e poderá ser construída por elementos de um ou mais estabelecimentos.

6 - Para a realização das tarefas, com exceção da prova intelectual, os concorrentes poderão solicitar a ajuda e cooperação de qualquer elemento de dentro ou fora da comunidade.

II - Prova Intelectual

1 - A prova intelectual constará de 50 questões, tipo teste de múltipla escolha e terá duração de 90 minutos.

2 - A prova versará sobre Folclore Nacional.

3 - As questões serão formuladas pela Comissão Organizadora e permanecerão em sigilo até o momento da prova.

4 - A prova será realizada dia 13 de agosto, sexta-feira, às 18:30 horas, no CENE «Capitão Narciso Bertolino».

5 - As questões serão respondidas pelos 5 membros inscritos para esta prova, em conjunto. Não terá possibilidade de substituição, se algum desses elementos não puder participar.

6 - Pela realização dessa prova e seu bom andamento serão responsáveis os membros da Comissão Organizadora.

7 - A avaliação será feita imediatamente depois de encerrada a prova e os resultados só serão divulgados depois da avaliação das tarefas, na praça Rui Barbosa.

8 - A avaliação será feita pelos membros da Comissão Organizadora que atribuirão o valor de 0,2 (dois décimos) para cada questão certa, num máximo de 10 pontos.

FICHA DE INSCRIÇÃO

III Maratona Intelectual Folclórica

7.º FESTIVAL DE FOLCLORE — OLÍMPIA

Agosto de 1971

EQUIPE:

PROVA INTELECTUAL-PARTICIPANTES

1 -	nome	série	residência
	escola	curso	período
2 -
3 -
4 -
5 -

Tarefas - Participantes

1 -
2 -
3 -

Controle: Para esta equipe foi sorteado o grupo de provas n.º

Olímpia, de agosto de 1971

.....
Professor responsável

III - Tarefas

1 - As tarefas serão em n.º de 10 para cada equipe, valendo 1 ponto cada uma. As tarefas serão sorteadas entre as equipes.

2 - O sorteio será dia 11, às 19 horas, na Praça da Matriz.

3 - As tarefas serão apresentadas sexta-feira, dia 13, às 19 horas, no palanque da Praça Rui Barbosa, diante de uma comissão julgadora de 5 membros, especialmente convidados.

4 - Serão as tarefas pedidas na ordem da publicação e as equipes chamadas para cada tarefa na ordem do sorteio.

5 - Se uma equipe não estiver em condições de apresentar uma tarefa no momento em que for solicitada, perderá o ponto, porque não será permitido apresentá-la mais tarde.

6 - Só permanecerá no palanque um representante de cada equipe, escolhido entre os inscritos e a Comissão Organizadora.

IV - Avaliação

1 - Serão somados os pontos obtidos na prova intelectual e nas tarefas.

2 - Em caso de empate no 1.º lugar, será feita nova prova intelectual imediatamente, na Sindicato Rural, apenas para as equipes empatadas. Constará de 10 questões valendo 1 ponto cada e terá a duração de 30 minutos.

3 - No caso de empate no 2.º lugar, não haverá terceiro lugar e haverá divisão de prêmios do 2.º e 3.º lugares.

4 - No caso de empate no 3.º lugar, haverá divisão de prêmio do 3.º lugar.

continua na página seguinte

5 - Os prêmios serão entregues logo após a classificação.

6 - Não haverá possibilidade de recorrer das decisões das comissões, quanto ao julgamento das provas.

7 - Casos omissos serão resolvidos pela comissão organizadora.

8 - Para esclarecer qualquer dúvida ou pedir orientação, os participantes poderão procurar os professores da comissão organizadora.

EQUIPE:

Grupo de Provas n.º 1

1 - trazer vestido de catireiro e acompanhado dos catireiros - mirins. Ele deverá vir da esquina até o palanque onde será identificado para o público. Se a pessoa não puder comparecer, não citar o nome.

2 - Trazer Cr\$ 50,00 em dinheiro como contribuição ao 7.º Festival do Folclore.

3 - Trazer um imigrante japonês que cante «Meu limão, meu limoeiro» com sotaque. É preciso documento que identifique a pessoa (homem ou mulher, jovem, velho ou criança). Se ela não vier a equipe não perderá pontos.

4 - Trazer uma cabeça de boi (esqueleto com chifres bem grandes) com o autógrafo da Inesita Barroso e esta frase: «Aos estudantes olimpienses que se interessam, preservam e participam do folclore brasileiro». Será devolvida.

5 - Trazer 10 sacos de laranjas maduras, que não serão devolvidos.

6 - Contar a estória da Procissão das Caveiras de padres (Folclore Nacional, de Alceu M. de Araújo - vol. I - pág. 432), apresentando ao público 10 pessoas vestidas de batinas pretas e capuz, com máscaras de caveira que venham do Hotel Municipal até o palanque em passos de procissão. Apresentar à comissão uma ficha datilografada da estória.

7 - Trazer uma pipa gigante em plástico com 2m de comprimento por 1,5m de largura, tendo como decoração uma máscara de folia de Reis. Cauda longa. Não será devolvida.

8 - Trazer 5 tocadores de cuíca e 5 de pandeiro (homem ou mulher, folc ou não), que deverão vir do Hotel Municipal até o palanque, tocando para o público.

9 - Trazer o maior número de ovos (prova competitiva). Ganhará a equipe que conseguir o maior número. Os ovos deverão estar no CENE às 19 horas, do dia 13, em caixa ou caixas com uma etiqueta que identifique a equipe e o número de ovos, para que a comissão faça a devida recontagem.

10 - Trazer a fotografia (tamanho postal) da primeira casa em que residiu o Coronel Francisco Nogueira.

EQUIPE:

Grupo de Provas n.º 2

1 - Trazer o Sr. fantasiado de bumba-meu-boi. O ajudante pode ser qualquer pessoa da equipe: ele deverá desfilar da esquina até o palanque onde será apresentado ao público. Se a pessoa não puder comparecer não citar o nome.

2 - Trazer Cr\$ 50,00 em dinheiro como contribuição ao 7.º Festival de Folclore de Olímpia.

3 - Trazer um imigrante árabe para cantar «Meu limão, meu limoeiro», com sotaque. É preciso documento que identifique a pessoa, que pode ser homem ou mulher, jovem, velho ou criança.

4 - Trazer uma fotografia de Olímpia, que seja anterior a 1931. Esta fotografia será devolvida.

5 - Trazer um pau com os seguintes galináceos amarrados e carregados às costas como faz o oveiro (pode ser galinha, frango ou franga):

Cores:

1 preto

1 branco

1 carijó

1 de pescoço pelado

1 vermelho

1 índio

1 arrepiado ou lacaré

1 barbudo

no meio do pau um pato.

6 - Contar a estória «O sapo e o urubu» com a presença dos dois animais vivos, porém, engaiolados. (Folclore Nacional de Alceu M. Araújo, pág. 438 - vol. I, Biblioteca do CENE.

7 - Trazer um espantalho de 2 metros de altura, seguro por um pau que possa depois sustentá-lo. Não será devolvido.

8 - Arranjar 10 violeiros (com viola ou violão, homens ou mulheres, folc ou não) que venham do Hotel Municipal até o palanque tocando modas para o público.

9 - Trazer o maior número possível de ovos (prova competitiva). Ganhará a equipe que trouxer maior número. Os ovos deverão estar no CENE às 19 horas do dia 13, numa caixa ou caixas que tragam uma etiqueta, identificando a equipe e o número de ovos conseguidos, para que a comissão faça a devida recontagem.

10 - Trazer as assinaturas (não vale fotocópia) das seguintes personalidades: Dr. Silvano Pinto, Dr. Bianor Medeiros, Capitão Narciso Bertolino e Dr. Antônio Augusto Reis Neves. Os documentos serão devolvidos.

EQUIPE:

Grupo de Provas n.º 3

1 - Trazer o Sr. o devidamente vestido para a «Procissão das almas» Ele andará da esquina até o palanque onde será identificado para o público. Apresentar à comissão esclarecimentos relativos ao fato. Se a pessoa não puder comparecer, não citar o nome.

2 - Trazer a quantia de 50,00 em dinheiro como contribuição ao 7.º Festival de Folclore.

continua na página seguinte

3 - Trazer um imigrante italiano que cante «Meu limão, meu limoeiro», com sotaque. É preciso documento que identifique a pessoa, homem ou mulher, jovem, velho ou criança.

4 - Trazer o livro «Antônio Peão» e seu autor que serão apresentados ao público.

5 - Trazer 200 pães correspondendo ao tamanho de Cr\$ 0,10, podendo ser de padaria, de confecção caseira ou de ambas. Pode ser também de farinha, fubá, mandioca. Não serão devolvidos.

6 - Contar a estória «O coelho e o macaco» com a presença dos animais vivos e engaiolados (Folclore Brasileiro, Sílvio Romero pág. 402 - vol. 2, na Biblioteca Municipal).

7 - Trazer uma bruxa gigante com 2 metros de altura. Não será devolvido (bruxa é uma boneca de pano que se faz para meninas).

8 - Arranjar 10 sanfoneiros que venham do Hotel Municipal até o palanque, tocando para o público (homens ou mulheres, folc ou não).

9 - Trazer o maior número de ovos (prova competitiva). Ganhará a equipe que trazer o maior número possível. Os ovos deverão estar às 19 horas no CENE, numa caixa ou caixas com uma etiqueta que identifique a equipe e o número de ovos conseguidos, para que a comissão faça a devida recontagem.

10 - Trazer uma pública-forma ou fotocópia do termo de doação dos 100 alqueires de terra doada pela família Joaquim Miquel dos Santos para a fundação do patrimônio São João Batista dos Olhos D'Água, hoje a nossa Olímpia.

EQUIPE:

Grupo de Provas n.o 4

1 - Trazer a Sra., fantasiada de baiana.

2 - Trazer Cr\$ 50,00 em dinheiro, como contribuição ao 7.º Festival de Folclore.

3 - Trazer um imigrante português que cante «Meu limão, meu limoeiro», com sotaque. É preciso documento que identifique a pessoa, homem ou mulher, jovem, velho ou criança.

4 - Trazer 20 superstições, sendo:

4 sobre o casamento,

4 sobre alimentação,

4 sobre o sonho,

4 sobre o morte,

4 sobre as partes do corpo.

5 - Trazer 5 caixas de tomates (tamanho oficial). As caixas serão devolvidas, os tomates não.

6 - Contar a estória «O veado e o sapo» com presença dos animais vivos e engaiolados. (Folclore Brasileiro, Sílvio Romeiro, vol 2- pág. 367).

7 - Trazer uma peteca gigante de 2 metros (basee penas, sendo que a parte das penas pode ser idealizada à vontade). Não será devolvida.

8 - Trazer 10 tocadores de flauta (homens ou mulheres, folc ou não).

9 - Trazer o maior número possível de ovos (prova competitiva). Os ovos deverão estar dia 13, às 19 horas no CENE, em caixa ou caixas com etiqueta que identifique a equipe e o número de ovos conseguidos, para que a comissão faça a devida recontagem.

10 - Trazer uma fotografia de Maria Olímpia, cujo nome deu origem ao nome de nossa cidade.

COMISSÃO JULGADORA

1 - Prova n.o 1:- a equipe que não trazer a pessoa indicada, não ganhará ponto. O animador não anunciará o nome da pessoa em caso de a mesma não poder comparecer. Só depois que a pessoa apresentar é que será anunciada.

2 - Prova n.o 2:- Em dinheiro, não se aceita cheques.

3 - Prova n.o 3:- A pessoa deve ter documento que a identifique.

4 - Prova n.o 4:- (grupo de provas 4) Se houver dúvida os participantes deverão citar o nome do livro ou dos livros que consultarem. (grupo 2) Se houver dúvida em relação a fotografia de Olímpia, anterior a 1931, o professor Rothschild será chamado para resolver.

5 - Fazer a contagem dos pães.

6 - Prova n.o 6:- Os animais deverão ser vivos, não haverá problema se o animal estiver ferido.

7 - A bruxa (para o grupo n.o 3) deverá ser uma boneca, não feiticeira.

8 - Todos os tocadores deverão estar com seus instrumentos e cada grupo tocará em conjunto à medida que for chamado.

9 - Só ganhará ponto a equipe que trazer maior número de ovos.

10 - O grupo 4 deve trazer uma fotografia de Maria Olímpia.

(O grupo) 3. Será aceita a pública - forma do documento.

(O grupo) 2. As assinaturas deverão ser originais em documentos, livros, fotografias, álbuns, etc.

11 - Como não foi especificado qual o tipo de ovo pedido, a comissão resolveu aceitar os que aparecerem, de várias aves.

12 - No caso do animal muito bravo, pode ser colocado num caixote, de modo que não cause ferimento a ninguém.

13 - A COMISSÃO SE OUTORGA O DIREITO DE RESOLVER TODOS OS CASOS QUE APARECEREM ANTES E DURANTE A REALIZAÇÃO DAS PROVAS, COMO CONSTA NO Regulamento.

14 - AS Decisões da Comissão NÃO SERÃO discutidas PELOS PARTICIPANTES COMO CONSTA NO REGULAMENTO.

15 - Se a Inesita não vier a equipe não perderá ponto. Foi combinado assim com a turma, antes das distribuições das tarefas.

CONTROLE DOS PONTOS OBTIDOS PELAS EQUIPES

III Maratona Intelectual Folclórica

Contagem de pontos:

Equipe "Moçambique" - grupo de provas n.º 1
Prova n.º 1 Prova n.º 6
Prova n.º 2 Prova n.º 7
Prova n.º 3 Prova n.º 8
Prova n.º 4 Prova n.º 9
Prova n.º 5 Prova n.º 10
Prova Intelectual:
Total

Equipe "Bumba-meu-boi" - grupo de provas n.º 2
Prova n.º 1 Prova n.º 6
Prova n.º 2 Prova n.º 7
Prova n.º 3 Prova n.º 8
Prova n.º 4 Prova n.º 9
Prova n.º 5 Prova n.º 10
Prova Intelectual:
Total

Equipe "Caiapó" - grupo de provas n.º 3
Prova n.º 1 Prova n.º 6
Prova n.º 2 Prova n.º 7
Prova n.º 3 Prova n.º 8
Prova n.º 4 Prova n.º 9
Prova n.º 5 Prova n.º 10
Prova Intelectual:
Total

Equipe "Capoeira" - grupo de provas n.º 4
Prova n.º 1 Prova n.º 6
Prova n.º 2 Prova n.º 7
Prova n.º 3 Prova n.º 8
Prova n.º 4 Prova n.º 9
Prova n.º 5 Prova n.º 10
Prova Intelectual:
Total

III Maratona Intelectual Folclórica

PROVA INTELECTUAL

Olímpia, 13 de agosto de 1971

Nome da Equipe:

Participantes :

.....

.....

.....

.....

Esta prova consta de 50 questões valendo 0,2 cada uma. As questões em branco e as assinaladas mais de uma vez serão consideradas erradas.

1 - Há mais de um tipo de Saci. Conhecemos bem o que é pretinho. Mas há um que é moreninho. Seu nome é:

- a) saci-pererê
- b) saci-trique
- c) saci-sacura
- d) nenhuma delas

2 - O gênio protetor dos animais da floresta é um caboclo chamado:

- a) caapora
- b) curupira
- c) caiapó
- d) caitetu

3 - No folclore amazonense qual o personagem que vigia a floresta?

- a) saci-pererê
- b) iara ou mãe-d'água
- c) curupira
- d) uirapuru

4 - Qual o personagem do nosso folclore que é descrito como bicho de cabeça grande, com um buraco nas costas onde atira os meninos que persegue para comer?

- a) lobisomem
- b) quibungo
- c) Acaiaca
- d) a e b são verdadeiras

5 - Em que época aparece a mula-sem-cabeça?

- a) em toda a quaresma
- b) na sexta-feira santa
- c) na Semana Santa
- d) na quarta-feira santa

II - Linguagem

6 - A frase «Eta cafezinho bão» se deve sua popularidade:

- a) à tradição popular
- b) a um acontecimento que a tornou conhecida
- c) ao rádio e à televisão
- d) a nenhuma das alternativas

7 - A expressão «um pé lá, outro cá» quer dizer:

- a) passos ritmados
- b) querer tudo de uma vez
- c) rapidamente
- d) querer estar em dois lugares ao mesmo tempo

8 - Como se chama as narrativas de palavras encadeadas que se articulam em uma longa seriação?

- a) parlenda
- b) travalínguas
- c) abecê
- d) conto acumulativo

9 - Identifique estes versos:

- Um, dois - feijão com arroz
- Três, quatro - feijão no prato
- Cinco, seis - feijão p'ra nós três
- Sete, oito - feijão com biscoito
- Nove, dez - feijão com pastéis
- a) parlenda

- b) fórmula de escolha
- c) trava-línguas
- d) conto acumulativo

10 - Na estrofe:

Quem quiser vender eu compro
Um limão por um tostão
Para tirar uma nódoa
No meu triste coração
Identifique qual o seu nome, de acordo

com a regularidade do número de sílabas:-

- a) trova
- b) redondilha
- c) decassílabo
- d) alexandrino

III - Indumentária

11 - Que nome se dá ao avental de couro curtido usado do lado esquerdo pelo peão de boiadeiro?

- a) barbicacho
- b) vincha
- c) tirador
- d) nenhuma das alternativas

12 - Soga é:

- a) pedaço de pano de couro, amarrado ao redor do corpo da cintura até a altura dos joelhos.
- b) espécie de calças largas, pregueadas na cintura e presas por um punho.
- c) blusa de cor discreta, mas nunca xadrez.
- d) corda de couro cru sovado ou de fibra vegetal, com que se prende os animais para pastar.

13 - As luvas que protegem apenas o dorso da mão, usadas pelo vaqueiro nordestino chama-se:

- a) guantes
- b) gibão
- c) chiripa
- d) guarda-peito

14 - O turbante usado pela baiana é de origem:

- a) nagô
- b) gegê
- c) mulçumana
- d) mandinga

15 - O tipo regional do litoral paulista é o:

- a) caipira
- b) tabaréu
- c) capaxiba
- d) nenhuma delas

IV - Festas Religiosas

16 - No dia de que santo há distribuição de pães aos pobres, como promessa:

- a) São João
- b) São Pedro
- c) São José
- d) Santo Antônio

17 - O Caiapó ainda sobrevive em algumas localidades paulistas.

Sua origem é:

- a) africana
- b) portuguesa
- c) indígena
- d) origem mista

18 - A festa de reis prende-se ao solstício do:

- a) verão
- b) primavera
- c) inverno
- d) não tem época determinada

19 - O imperador e a imperatriz pertencem a qual festa religiosa:

- a) folia de reis
- b) festa do Divino
- c) bumba-meu-boi
- d) nenhuma delas

20 - No candomblé, os deuses que vêm ao encontro dos mortais, proporcionando alegria, se chamam:

- a) torés
- b) orixás
- c) exus
- d) xangôs

21 - As folias de Reis e do Divino:

- a) são realizadas antes da festa
- b) são realizadas durante a festa
- c) são realizadas um mês antes da festa
- d) são realizadas um mês depois da festa

22 - A Folia pode ser feita em barcos.

() certo () errado () não sei

VI - Arte Culinária e Artesanato

23 - A cozinha baiana é caracterizada pelo uso dos seguintes condimentos:

- a) pimenta malagueta e alcaparras
- b) pimenta de cheiro e dendê
- c) pimenta-do-reino e orégano
- d) pimenta calabresa e cominho

24 - Dos quitutes abaixo, qual corresponde ao feito com milho seco pilado:

- a) beiju
- b) pamonha
- c) canjica
- d) alfenim

25 - Farinha de mandioca e carne seca é a base da alimentação do:

- a) gaúcho
- b) sertanejo nordestino
- c) caiçara
- d) paroara

26 - No Nordeste, qual a madeira mais usada para o artesanato de madeira e na escultura popular de imagens e da gravura:-

- a) cajazeiro
- b) carnaúba
- c) taquara
- d) nenhuma delas

27 - Na execução da renda cearense o instrumento usado é:-

- a) agulha
- b) bilro
- c) espinho de cardeiro
- d) nanete

VI - Superstições, Costumes e Recreação

28 - Não presta dois irmãos casarem no mesmo dia, porque:-

- a) morrerá um deles dentro de um ano
- b) um dos casais terá filhos e o outro não
- c) dividirão a felicidade
- d) terão filhos gêmeos

29 - Trepa-moleque, usado no Brasil colônia era:

- a) doce
- b) brinquedo
- c) enfeite feminino
- d) jogo infantil

30 - Qual das alternativas abaixo não é o nome de brinquedo infantil:-

- a) lua-luá
- b) pega-filipe
- c) coco-de-mim
- d) roda-pagode

31 - As tentativas de subir no pau-de-sebo, as dificuldades para se conquistar o prêmio simbolizam:-

- a) as dificuldades da vida
- b) a ambição do homem
- c) a ligação entre o céu e a terra
- d) nenhuma das alternativas é correta

VII - Música e Danças

32 - Identifique no grupo abaixo o instrumento de percussão:-

- a) cavaquinho
- b) reco-reco
- c) berimbau
- d) agogô

33 - Representam um combate simulado entre mouros e cristãos:

- a) congada
- b) caiapó
- c) moçambique
- d) fandango

34 - A que ciclo de festas religiosas pertence o bumba-meu-boi, folguedo de grande significação social em Pernambuco e outros Estados brasileiros:-

- a) ciclo da Páscoa
- b) ciclo do Natal
- c) ciclo junino
- d) ciclo da Quaresma

35 - A que ritual se liga a dança do pau-de-fita, muito difundida no Brasil:-

- a) ao ritual do Espírito-Santo
- b) ao ritual da festa de São João
- c) ao renascimento da árvore
- d) nenhuma das alternativas

36 - A música folclórica:-

- a) pode ter autor conhecido
- b) não tem autor conhecido nunca
- c) tem autor, intérpretes e para sua transmissão se usam os modernos meios de comunicação
- d) a e b são corretas

37 - Os maracás são de origem africana:-
() certo () errado () não sei

38 - Os cantos de trabalhos são de origem:-

- a) portuguesa
- b) ameríndia
- c) francesa
- d) muito antiga e de povos diversos
- e) Muito antigo e de povos romano

39 - A origem de nossos Cantos de Bebida e de Meca é:

- a) portuguesa
- b) africana
- c) alemã
- d) ameríndia

40 - Os aboios são muito encontrados no Nordeste.

() certo () errado () não sei

41 - Os acalantos são comuns em todo o Brasil.

() certo () errado () não sei

42 - Os cantos de Trabalho no Brasil são de origem indígena

() certo () errado () não sei

VIII - Olímpia e o Folclore

43 - O 2.º compacto-duplo "Olímpia e seu Folclore Musical" foi prensado pela:

- a) Odeon
- b) Chantecler
- c) Continental
- d) Copacabana

44 - O 1.º Curso de Folclore levado a efeito em Olímpia foi ministrado pela folclorista:-

- a) Marina de Andrade Marconi
- b) Maria de Lourdes Borges Ribeiro
- c) Laura Della Mônica
- d) Regina Lacerda

45 - O Grupo Caiapó, muito apreciado pelos olímpenses, e que repetidas vezes tem participado de nossos festivais é de:

- a) Santa Cruz do Rio Pardo
- b) Capivari
- c) São José do Rio Pardo
- d) Tietê

46) - O Rodeio, integrante do Festival de Folclore é coordenado:-

- a) Comissão Municipal de Folclore
- b) Departamento de Folclore
- c) Comissão Municipal de Turismo
- d) Ordem dos Cavaleiros do Vale do Rio Grande

47 - A 1.ª Cavalhada a participar de nossos festivais de Folclore é de.

- a) Pirinópolis (GO)
- b) Ibiraci (MG)
- c) Franca (SP)
- d) Macaé (RJ)

48 - A festa do folclore em Olímpia foi oficializada e incluída no Calendário Turístico do Estado a:

- a) 8 de maio de 1969
- b) 8 de agosto de 1970
- c) 8 de maio de 1970
- d) 8 de agosto de 1969

49 - A melodia folclórica "Anjo Lindo", constante do primeiro compacto-duplo "Olímpia e seu Folclore Musical", prensado pela Chantecler de São Paulo, foi coletada por:

- a) Victório Sgorlon
- b) José Sant'anna
- c) Maurício César Alves Pereira
- d) Maria Aparecida de Araújo Manzolli

50) Folclore é
Olímpia, 13 de agosto de 1972

Equipe:
Correção: Acertos:
Erros :
Pontos :

AGRADECIMENTO

A direção deste Anuário agradece, à Organização Philips do Brasil, à Companhia União de Refinadores bem como à Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, a valiosa cooperação para o bom êxito do 8.º Festival de Folclore de Olímpia.

Manifesta também o mais profundo reconhecimento aos doutores: Paulo Teixeira de Camargo, José Cretela Júnior, Avelino Novaes Teixeira e bem assim à Vera Sales de Carvalho.

Registra, ainda, sincera gratidão a todos os que emprestaram a sua colaboração eficiente e simpática à realização da nossa grande festa e que deixam de ser, aqui, mencionados pelo receio de omissões imperdoáveis.



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

Gabinete do Secretário



Seja esta mensagem, inicialmente, a manifestação da minha profunda simpatia e admiração por Olímpia e sua gente.

Desde os seus primeiros e tumultuosos dias, Olímpia - de Dona Olímpia, filha de Antônio Olímpio - surgiu, pioneiramente, a exemplo de algumas cidades do oeste norte-americano, como núcleo fadado ao desempenho de missão paulista, enérgica e civilizadora.

E ao encantamento de mãos semeadoras, de mãos afanosas e criativas, foi se erguendo, à margem da antiga «São Paulo-Goiás», a cidade de Olímpia. Esta, hoje, é um espetáculo de força e progresso a olhos que a desvendem até os longes, fora mesmo das suas arrojadas balizas cidadinas.

Quanto ao 8.º Festival de Folclore, a realizar-se de 14 a 20 de agosto, formulo votos de inteiro êxito, como sempre tem sucedido em anos anteriores. Com essas festas folclóricas, cumpre Olímpia um dos aspectos do seu grande destino: o da preservação e incentivo da cultura tradicional e popular. Pois que é em nosso folclore, infra-estrutura da história, que encontramos, presentes e autênticos, todos os elementos que atuaram na fundação da Pátria Brasileira.

a) ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ

Secretário de Estado dos
Negócios da Educação